



QUO VADIS?

Para onde vais?

Caderno de temas 2014

DE E.J.N.S.

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	5
JANEIRO	
Parábola dos Talentos (Mt 25, 14-30)	6
FEVEREIRO	
Parábola do Fariseu e do Publicano (Lc 18, 9-14)	12
MARÇO	
Parábola do Filho Pródigo (Lc 15, 11-32)	18
ABRIL	
Parábola do Grão de Mostarda (Mt 13, 31-32)	22
MAIO	
Parábola do Bom Samaritano (Lc 10, 29-37)	28
JUNHO	
Parábola da Figueira Estéril (Mt 21, 18-21)	34
JULHO	
Balanço	40
SETEMBRO	
Parábola do Grande Banquete (Mt 22, 2-14)	44
OUTUBRO	
Parábola das Dez Virgens (Mt 25, 1-13)	50
NOVEMBRO	
Parábola do Homem Rico e do Mendigo Lázaro (Lc 16, 19-31)	56
DEZEMBRO	
Parábola do Tesouro Escondido (Mt 13, 44-46)	62

APRESENTAÇÃO

Queridos equipistas,

Têm nas vossas mãos o tão esperado caderno de temas de 2014!

Este ano, o chamado “tema do ano” – que será também o tema do nosso Encontro Internacional das EJNS cá em Portugal – vem-nos fazer uma pergunta que vai muito em continuidade com o tema de 2013 (“Ide e Fazei Discípulos entre as Nações!”).

E é natural que depois do “Ide” a pergunta seja “Quo Vadis?” (“Para onde vais?”)? Para onde é que vamos?

Ora bem, esta pergunta tão pequenina e tão simples, foi a que nos serviu de ponto de partida para traçarmos o caminho proposto neste novo caderno. Quem nos “orienta” no nosso caminho (se nós deixarmos claro!) é Jesus. E como é que Jesus, quando cá esteve, explicava por onde e como haveríamos de ir? Através de Parábolas. Jesus veio para anunciar o Reino de Deus, e fê-lo através de palavras simples, acessíveis a todos. O caminho para a nossa Santidade é desafiante, sim, mas as orientações, essas são simples e claras.

Em Julho de 2013, nas JMJ no Rio de Janeiro, na Missa em Copacabana, o nosso querido Papa Francisco disse:

“Para onde é que Jesus nos manda? Não há fronteiras, não há limites: envia-nos para todas as pessoas. O Evangelho é para todos, e não apenas para alguns. Não é apenas para aqueles que nos parecem a nós mais próximos, mais abertos, mais acolhedores. É para todas as pessoas. Não tenham medo de ir e levar Cristo para todos os ambientes, até as periferias existenciais, incluindo quem parece mais distante, mais indiferente. O Senhor procura a todos, quer que todos sintam o calor da sua misericórdia e do seu amor.”

Por isso, o que vos convidamos a fazer este ano é, em cada reunião, aprofundarem uma parábola de Jesus, que nos irá desafiar constantemente com esta pergunta: Para onde é que vamos? Esperamos que este caderno vos sirva, em cada reunião, para se aproximarem cada vez mais deste caminho que Ele nos convida a fazer, com a certeza de que nunca nos abandona e que temos sempre a Sua Igreja para nos acompanhar.

Como diz o nosso responsável nacional, “Estamos juntos!”

Boas reuniões!



MT 25, 14-30

«Jesus disse aos seus discípulos a seguinte parábola: «Um homem, ao partir de viagem, chamou os seus servos e confiou-lhes os seus bens. A um entregou cinco talentos, a outro dois e a outro um, conforme a capacidade de cada qual; e depois partiu. O que tinha recebido cinco talentos fê-los render e ganhou outros cinco. Do mesmo modo, o que recebera dois talentos ganhou outros dois. Mas o que recebera um só talento foi escavar na terra e escondeu o dinheiro do seu senhor. Muito tempo depois, chegou o senhor daqueles servos e foi ajustar contas com eles. O que recebera cinco talentos aproximou-se e apresentou outros cinco, dizendo: 'Senhor, confiaste-me cinco talentos: aqui estão outros cinco que eu ganhei'. Respondeu-lhe o senhor: 'Muito bem, servo bom e fiel. Porque foste fiel em coisas pequenas, confiar-te-ei as grandes. Vem tomar parte na alegria do teu senhor'. Aproximou-se também o que recebera dois talentos e disse: 'Senhor, confiaste-me dois talentos: aqui estão outros dois que eu ganhei'. Respondeu-lhe o senhor: 'Muito bem, servo bom e fiel. Vem tomar parte na alegria do teu senhor'. Aproximou-se também o que recebera um só talento e disse: 'Senhor, eu sabia que és um homem severo, que colhes onde não semeaste e recolhes onde nada lançaste. Por isso, tive medo e escondi o teu talento na terra. Aqui tens o que te pertence'. O senhor respondeu-lhe: 'Servo mau e preguiçoso, sabias que ceifo onde não semeiei e recolho onde nada lancei; devias, portanto, depositar no banco o meu dinheiro, e eu teria, ao voltar, recebido com juro o que era meu. Tirai-lhe então o talento e dai-o àquele que tem dez. Porque, a todo aquele que tem, dar-se-á mais e terá em abundância; mas, àquele que não tem, até o pouco que tem lhe será tirado. Quanto ao servo inútil, lançai-o às trevas exteriores. Aí haverá choro e ranger de dentes'.»

PARÁBOLA DOS TALENTOS

Começar o ano, ainda no rescaldo do Natal, da passagem d'ano e de outras festas que tais, pode ser difícil. As épocas de exames começam sem piedade e, para quem está no secundário, o 2º período não aparece mais simpático. É por isso que não podemos perder uma oportunidade de parar, rezar, pensar, voltar a rezar e a pensar. Sem essa paragem, não somos capazes de olhar para nós mesmos com os olhos de Deus – são os olhos de Deus que nos fazem ver quem é que somos realmente – nem sequer de olhar para o ano que começa com a Esperança dos cristãos. “Vai e olha à tua volta...” dizia São João Bosco, explicando que a nossa vocação se descobre quando saímos de nós e olhamos o mundo à nossa volta. É exactamente isso que propomos neste tema de Janeiro: que hoje olhemos à volta e sejamos capazes de descobrir o que Deus quer de nós em 2014. Depois, rezando-nos a nós mesmos e confiando-nos nas mãos de Nossa Senhora (que, mais do que ninguém, soube ouvir e ver à sua volta), arrisquemos fazer o que Ele nos pede.

Como não podia deixar de ser, a proposta parte da Palavra de Deus, mais precisamente do Evangelho de Mateus (MT 25, 14-30). Uma primeira curiosidade que podemos referir é o facto de ser exactamente nesta parábola que está a raiz do significado contemporâneo da palavra ‘talento’. Aquilo que na linguagem dos tempos de Jesus significava simplesmente uma quantidade de dinheiro passou para a história com o significado de capacidade, aptidão ou faculdade, precisamente por causa da analogia com que os cristãos ao longo de vários séculos leram este texto sagrado. Concretamente em relação à parábola, podemos dizer que, à primeira vista, olhando para aquilo que o homem dá aos servos, esta parábola pode levar-nos a pensar que Deus é injusto, ou que a distribuição que ele faz dos seus dons é arbitrária. De facto, se identificarmos o homem de que fala o Evangelho com Deus e os servos com os homens, essa conclusão é quase óbvia.

Mas, na realidade, não é assim. Se lermos com mais atenção e se tivermos em conta o que a Tradição da Igreja nos ensina, percebemos que aquilo que São Mateus nos quer dizer é que Deus concede aos homens dons diferentes, na lógica do que também diz São Paulo: “há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo” (1 Cor 12, 4). Quando São Mateus afirma que o homem da parábola distribuiu os talentos “conforme a capacidade de cada um” (Mt 25, 15), reconhece a diversidade que há entre cada homem, e dá conta das capacidades distintas que cada um de nós recebeu. Esta consciência da diferença deve ser para nós fonte de tranquilidade e, ao mesmo tempo, um apelo: é-nos dito que cada um de nós não tem de construir tudo sozinho, precisamente porque só em conjunto – em comunhão – o poderemos fazer. Com efeito, por muito talentosos que

sejamos, nenhum de nós é bom em tudo; e a memória deste facto diz-nos constantemente que só em conjunto é que temos todos os dons necessários para construir o Reino de Deus. Reconhecer que temos capacidades, mas também limitações e fraquezas, ajuda-nos a manter a humildade de querer contar com os outros, e a aceitar funcionar como um todo.

São Gregório Magno, Papa da transição dos séculos VI e VII, comentando este passo bíblico, apontava a caridade como o maior e mais importante talento que todos os homens recebem. Clarificando que a verdadeira caridade consiste em amar tanto os amigos quanto os inimigos, afirmava que “se alguém não tiver esta virtude, perde qualquer bem que possui, é privado do talento recebido e é deitado fora, nas trevas” (Homilias sobre os Evangelhos 9, 6), tal como o servo a quem Deus tinha chamado mau e preguiçoso. Com esta parábola, Jesus procura ainda dizer mais uma coisa: Deus não nos trata de acordo com o que fazemos em comparação com os outros, mas de acordo com o que fazemos em comparação connosco próprios, com o que podemos dar. Com efeito, Ele dá a mesma recompensa a ambos os chamados servos bons, parecendo quase esquecer que a um dera cinco talentos e a outro apenas dois. Com isto, ensina-nos que o serviço a Deus não pode ser visto como uma competição, mas como a própria forma de realização pessoal, no dom de si mesmo. A este propósito, o Papa Bento XVI afirmava que “seria insensato pensar que estes dons sejam devidos, assim como renunciar a empregá-los seria não cumprir a finalidade da própria existência”, palavras que ganham mais densidade depois do que nos dizia também São João Paulo II: “Enganam-se aqueles que julgam cumprir o seu dever para com Deus, dando-Lhe aquilo que julgam como ‘seu’, segundo diz o servo preguiçoso: «Aqui tens o que te pertence» (Mt 25, 25), isto é, sem pensar que se trata de uma relação existencial, em que o homem deve corresponder com tudo o que é, sem soluções ditas pela comodidade ou por temores”.

Por outro lado, podemos dizer que estes talentos, mais do que as qualidades naturais, são também os dons que Jesus nos dá por meio da Igreja: a sua Palavra, os sacramentos e a vida de oração, ou seja, o Reino de Deus, que é Ele próprio, que quer estar vivo no meio de nós precisamente por meio destes mistérios. Neste contexto, percebemos melhor o que dizia mais uma vez o Papa Bento XVI a propósito daquele a quem o homem da parábola chama servo mau: “a parábola hodierna insiste na atitude interior com que acolher e valorizar este dom. A atitude errada é a do receio: o servo que tem medo do seu senhor e teme o seu retorno, esconde a moeda debaixo da terra e ela não produz qualquer fruto. Isto acontece por exemplo com quem, tendo recebido o Batismo, a Comunhão e a Crisma, depois enterra tais dons debaixo de uma camada de preconceitos, sob uma falsa imagem de Deus que paralisa a fé e as obras, a ponto de atraiçoar as expectativas do Senhor”. Em vez de arriscar, isto é, em vez de correr o risco de falhar e de não ficar à altura das expectativas do mestre, o servo mau escondeu aquilo que lhe fora dado. Ele é um servo mau

porque teve medo, e esse medo diz da sua falta de confiança em Deus, no Deus que ele mesmo sabe que ceifa onde não semeou e recolhe onde nada lançou. De facto, quem confia só em si e esquece Deus, mais tarde ou mais cedo, tem medo, esconde o talento, e pode acabar mesmo por esquecer Deus, o verdadeiro Senhor do talento.

E, com isto, chegamos ao desafio positivo que Jesus nos quer fazer. Ele pede para identificarmos qual é o “nosso” talento e, depois, para o usarmos tão bem quanto pudermos, isto é, para o por a render. Tal como aconteceu com os dois primeiros servos, por os talentos a render implica correr riscos, incluindo o risco de falhar e de ‘perder a cara’ diante dos outros ou diante de Deus. Mas a verdade é que o risco faz parte do que significa ter fé e não há verdadeira fé quando se foge do risco que ela implica. Muitas vezes, a nossa tendência é não fazer este trabalho prévio de identificar os nossos talentos; isto acontece ou porque achamos que à medida que formos vivendo é que vamos percebendo o que valem, ou porque pensamos que não temos quase talentos nenhuns (quase como o servo que recebeu só um) ou, eventualmente, porque temos um medo, às vezes quase inconsciente, da responsabilidade que conhecer os nossos talentos implica. Todas estas justificações podem parecer válidas, mas elas são, na verdade, o resultado de um olhar meramente humano sobre nós próprios. O que Jesus nos pede é para sermos missionários: Ele quer que, olhando para o mundo e para nós próprios com os olhos de Deus e não só com os nossos, tenhamos a coragem de sair de nós mesmos com alegria e pormos tudo o que somos ao serviço do Evangelho.

Por fim, olhemos para a mãe de Jesus. Nossa Senhora, diz-nos ainda o Papa Bento, é aquela que, “recebendo o mais precioso dos dons, o próprio Jesus, ofereceu-O ao mundo com imenso amor. A Ela peçamos-lhe que nos ajude a sermos servos bons e fiéis, para que possamos um dia participar na alegria do nosso Senhor”.

PONTOS DE DISCUSSÃO

1. No início deste ano, quero parar e rezar a minha vida, tenho vontade de me rezar a mim mesmo? Tenho consciência que isso é o primeiro passo, e um passo necessário, para ser capaz de ver os dons que Deus quer fazer render em mim?

2. Acredito que só é possível fazer um caminho cristão de verdadeira conversão quando ponho os meu talentos a render e quando tenho a humildade de aceitar os talentos dos outros? Como é que os meus talentos edificam a Igreja, corpo de Cristo?

3. Sei que a confissão e a comunhão não são “um prémio para os perfeitos, mas um remédio generoso e um alimento para os fracos” (Evangelii Gaudium, 47) e que, por isso, estão entre os maiores dons que Deus nos dá?

4. Qual é o talento que temos, como equipa, que Deus mais quer que ponhamos a render neste ano de 2014?

PONTOS DE ORAÇÃO

Faria pouco sentido não trazermos à oração o que até agora dissemos e discutimos. Por isso, propomos uma oração em duas etapas, a partir dos salmos.

1. Reconhecendo-nos criaturas e, acima de tudo, filhos de Deus, rezar o Salmo 138 (139), 1-18.23-24. Este salmo ajuda-nos a ter consciência de que Deus nos conhece tão bem que sabe, melhor do que nós, aquilo que nos deve dar. É, por essa razão, uma oração que pede a Deus que aumente em nós a confiança n'Ele.

2. Sem medo do que se vier a encontrar, tentando fugir das autojustificações, e com a coragem de quem baixa as defesas perante Deus, rezar o Salmo 39 (40), 2-9. Pode ser bom ler mais do que uma vez e usar o salmo como resposta a Deus, como quem que dar a Deus o mesmo 'sim' de Maria: "sim, quero por os meus talentos a render".

PROPOSTA DE PONTO DE ESFORÇO

Ler o primeiro capítulo da exortação apostólica Evangelii Gaudium do Papa Francisco (do n.º 19 ao 49), tendo em conta que a atitude própria de alguém que reconhece os seus dons é sair de si e pô-los a render, sempre numa perspectiva missionária. Os mais corajosos podem-se lançar para o texto completo!

PARA APROFUNDAR

Catecismo da Igreja Católica, 1880 e 1937

ORAÇÃO FINAL

Bendita sois, Virgem Maria,
Entre todas as mulheres sobre a terra.
Vós a glória de Jerusalém, vós a alegria de Israel,
Vós a honra do nosso povo.
Bendita sois, Virgem Maria,
O Senhor abençoou-Vos com a sua fortaleza,
Por vós aniquilou os nossos inimigos.
Bendito o Senhor Criador do céu e da terra,
Que deu neste dia tanta glória ao vosso nome
Que jamais os homens deixarão de celebrar os vossos louvores
E lembrarão eternamente o poder do Senhor
Bendita sois, Virgem Maria,
O Senhor foi a vossa força,
Por vós nos deu o dom maior,
Vós sereis eternamente bendita.

PONTO DE ESFORÇO

PRÓXIMA REUNIÃO

NOTAS

FEVEREIRO

Porque todo aquele
que se exalta
será humilhado



Lc 18,
9-14

LC 18, 9-14

«Disse também a seguinte parábola, a respeito de alguns que confiavam muito em si mesmos, tendo-se por justos e desprezando os demais:

Dois homens subiram ao templo para orar: um era fariseu e o outro, cobrador de impostos. O fariseu, de pé, fazia interiormente esta oração: “Ó Deus, dou-te graças por não ser como o resto dos homens que são ladrões, injustos, adúlteros; nem como este cobrador de impostos. Jejuo duas vezes por semana e pago o dízimo de tudo quanto possuo.

O cobrador de impostos, mantendo-se à distância, nem sequer ousava levantar os olhos ao céu; mas batia no peito dizendo: “Ó Deus, tem piedade de mim, que sou pecador.”

Em verdade vos digo: Este voltou justificado para sua casa, e o outro não. Porque aquele que se exalta será humilhado e quem se humilha será exaltado»

PARÁBOLA DO FARISEU E DO PUBLICANO

Agradecer a Deus como o Fariseu

O fariseu, de pé, fazia interiormente esta oração: “Ó Deus, dou-te graças por não ser como o resto dos homens que são ladrões, injustos, adúlteros; nem como este cobrador de impostos.”

Na nossa vida, é importante agradecer a Deus por muitos motivos, entre os quais: reconhecermos a nossa pequenez face Àquele que nos criou. Por outras palavras, quando dizemos “Obrigado Jesus, ...” estamos no fundo a assumir a nossa condição humana. A isto chama-se humildade. Todos aqueles que não reconhecem e agradecem a Deus o Dom da sua vida, recusam a Sua infinita grandeza. Não nos passa pela cabeça não agradecermos a alguém que nos acaba de salvar de um acidente, certo? No entanto, quantas vezes já nos esquecemos de agradecer Àquele que todos os dias permite a nossa existência? Ganhamos percepção das graças que vão aparecendo na nossa vida quando agradecemos tudo o que nos acontece. As coisas boas e más porque atrás delas vem sempre um objectivo, mesmo que não o consigamos compreender. A realidade nunca nos trai, como diz D. Giussani e por isso, nós temos de nos adaptar ao que acontece e não ao contrário. No entanto, para além de agradecer, temos de saber pedir perdão. Somos pecadores e precisamos da redempção divina. Pecar é recusar Deus e centrar-se em si próprio. Pecar é dizer que não queremos o caminho que Jesus nos propôs. E aqui percebemos que temos de pedir perdão e de procurar a misericórdia de Deus. Assim, cada vez que pecamos, devemos agradecer a Deus pela sua infinita misericórdia que nos permite obter o Seu perdão e recomeçar. O Amor que Deus tem por nós é tão inimaginavelmente grande, que tem até o poder de redimir os nossos pecados. Por outro lado, quando conseguimos não cair em tentação devemos também agradecer a Deus por nos ter providenciado as forças necessárias para tal proeza.

O Fariseu agradeceu por não ter ofendido a Deus, mas incluiu na sua gratificação um pecado: o seu orgulho imenso. Quando diz “Ó Deus, graças te dou porque não sou como os demais homens, ladrões, injustos e adúlteros” implica duas premissas: que ele é superior a todos os seus semelhantes porque não peca como eles e que todos os restantes da sua espécie têm todos os defeitos mencionados. No entanto, ainda que possa ter razão nas suas acusações, o seu coração não está centrado em Deus, o que é um pecado maior que todos os outros.

Temos inúmeros motivos para agradecer a Deus frequentemente: pelo Dom da nossa vida, pelos pequenos milagres no nosso dia-a-dia, por nos afastar do pecado e pela Sua misericórdia e amor desmedido por nós.

Pedir como o Publicano

O cobrador de impostos, mantendo-se à distância, nem sequer ousava levantar os olhos ao céu; mas batia no peito dizendo: “Ó Deus, tem piedade de mim, que sou pecador.”

Algo que normalmente vem associado à nossa oração são os pedidos. Pedimos pelos doentes, pela paz no mundo, pelos exames... Mas quantas vezes pedimos para que Deus nos dê forças para afastar o pecado? Ou quantas vezes pedimos desculpa a Jesus por todo o mal que fizemos? Nesta parábola, o Publicano é um forte testemunho de humildade e ao pedir perdão mostra o seu verdadeiro arrependimento. Ele aperta o seu coração com tanta força que nem coragem tem de olhar para Jesus. Semelhante às situações em que fazemos asneira e, no momento de pedir desculpa, nem coragem temos para olhar nos olhos da pessoa a quem pedimos perdão. No entanto, este homem aparentemente mais pecador que o Fariseu, tem o seu coração centrado em Cristo e é isto que devemos querer para a nossa vida. Reconhecer a nossa condição humana, arrependermo-nos dos nossos pecados e centrar o nosso coração em Jesus. Tudo para a maior glória de Deus.

Conclusão da Parábola

Em verdade vos digo: Este voltou justificado para sua casa, e o outro não. Porque aquele que se exalta será humilhado e quem se humilha será exaltado”

Noutras parábolas, Jesus diz que “Este povo [os fariseus] honra-me com os seus lábios, mas o seu coração está longe de mim.” (Mt 15, 8). O Publicano voltou justificado para casa e o Fariseu não. Não foi pelo tipo de oração que cada um fez (o primeiro pediu e o segundo agradeceu), mas sim pelo seu conteúdo. O Fariseu com o seu jejum, com os dízimos, orações de pé e orgulho implícito na sua conversa com o Criador, desvia o centro dos seus tributos de Deus para o homem. Deus não é o centro da sua oração, mas sim ele próprio. Como diz S. Mateus, ele pretende obter consideração social, honras e glórias dos homens, honrando Deus com os lábios mas afastando Dele o coração. Jesus termina dizendo: “Aquele que se exalta [na terra como os fariseus] será humilhado [na vida depois da morte] e quem se humilha [na terra como o publicano] será exaltado [no céu].

PONTOS DE DISCUSSÃO

1. No dia-a-dia da nossa oração é mais fácil de agradecer pelo que nos aconteceu ou de pedir ajuda para os tempos que se seguem? Qual é a importância de sabermos reconhecer a presença de pequenos milagres na nossa vida e de os oferecermos em ação de graças?

2. É fácil estar centrado e concentrado em Jesus na missa ou quando estamos em oração? Ou por outro lado estamos sempre distraídos com o que está à nossa volta? Na nossa vida, onde é que está verdadeiramente centrada a nossa atenção?

3. Quando pecamos, temos a verdadeira consciência da misericórdia de Deus? Procuramos o seu perdão através do Sacramento da Confissão?

4. Sou mais como o Fariseu? Ou mais como o Publicano?

PONTOS DE ORAÇÃO

O exame de consciência consiste em examinar o teu dia e controlar quais são as tuas principais faltas de modo a poderes corrigir o mais depressa possível.

Aqui estão algumas perguntas que podem servir de guia à tua oração:

Deveres para com Deus: Lembrei-me de Deus durante o dia, oferecendo-lhe o meu trabalho, dando-lhe graças, recorrendo a Ele com confiança de filho? Concentrei-me em todas as minhas orações e preceitos religiosos – na missa, por exemplo

Deveres para com o próximo: tratei mal os outros? Tive preocupação de ajudar e rezar pelos que me rodeiam? Fiz algum apostolado? Caí na murmuração? Disse alguma mentira? Soube perdoar?

Deveres para comigo: Deixei-me levar por sentimentos de orgulho, vaidade, sensualidade? Esforcei-me por arrancar os meus defeitos? Fui preguiçoso ao levantar ou no trabalho? Que bem fiz hoje? Que mal fiz hoje? Que farei melhor amanhã? Como?

PROPOSTA DE PONTO DE ESFORÇO

Há quanto tempo não confessamos? Este mês, procuremos fazer um caminho Cristão de verdadeira conversão, através do uso pleno dos Sacramentos. Em concreto, procuremos a Misericórdia de Deus através do Sacramento da Confissão, para podermos, como o Publicano, centrar o nosso olhar no essencial: Jesus.

PARA APROFUNDAR

YouCat: 483, 486, 488

Acto de Contrição

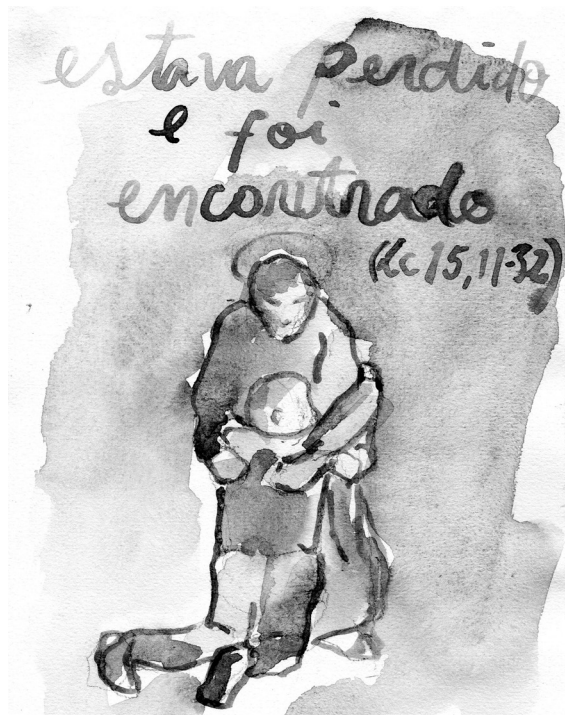
Meu Deus, pesa-me de todo o coração
e arrependo-me do mal que pratiquei
e do bem que deixei de fazer,
porque, pelos meus pecados,
Vos ofendi a vós, que sois o sumo bem,
digno de ser amado sobre todas as coisas.
Proponho firmemente, com o auxílio da vossa graça,
fazer penitência, não mais tornar a pecar
e fugir das ocasiões de pecado.
Senhor,
pelos merecimentos da paixão
de nosso Salvador Jesus Cristo,
tende compaixão de mim.

PONTO DE ESFORÇO

PRÓXIMA REUNIÃO

NOTAS

MARÇO



LC 15, 11-32

«E disse: Um certo homem tinha dois filhos. E o mais novo deles disse ao pai: Pai, dá-me a parte dos bens que me corresponde. E o pai repartiu os bens entre os dois. Poucos dias depois, o filho mais novo, juntando tudo, partiu para uma terra longínqua, e ali por lá esbanjou tudo quanto possuía, numa vida desregrada. (...) E, caindo em si, disse: 'Quantos jornaleiros de meu pai têm pão em abundância, e eu aqui a morrer de fome! Levantar-me-ei, irei ter com meu pai e vou dizer-lhe: Pai, pequei contra o Céu e contra ti; já não sou digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus jornaleiros'. Quando ainda estava longe, o pai viu-o e, enchendo-se de compaixão, correu a lançar-se-lhe ao pescoço e cobriu-o de beijos. O filho disse-lhe: 'Pai, pequei contra o Céu e contra ti; já não mereço ser chamado teu filho.' (...) Ora, o filho mais velho estava no campo. Quando regressou, ao aproximar-se de casa ouviu a música e as danças. Chamou um dos servos e perguntou-lhe o que era aquilo. Disse-lhe ele: 'O teu irmão voltou e o teu pai matou o vitelo gordo, porque chegou são e salvo.' Encolerizado, não queria entrar; mas o seu pai, saindo, suplicava-lhe que entrasse. (...) O pai respondeu-lhe: Filho, tu estás sempre comigo, e tudo o que é meu é teu. Mas tínhamos de fazer uma festa e alegrar-nos, porque este teu irmão estava morto e reviveu; estava perdido e foi encontrado.'»

PARÁBOLA DO FILHO PRÓDIGO

Neste mês de Março, no tempo da Quaresma somos desafiados a reflectir sobre a misericórdia e o perdão de Deus. Há momentos em que ficamos paralisados diante da consciência do nosso pecado, julgando que Deus, embora perdoando, não mais nos terá como filhos (como se o nosso pecado provocasse n'Ele quaisquer reservas no relacionamento connosco). Porém, o confronto com a nossa pequenez, na exclamação da nossa verdade frágil, cria espaço para o reconhecimento de Deus.

Deus, longe de Se escandalizar connosco ante a nossa limitada capacidade de amar, reinventa formas para ficar perto de nós, na ânsia do nosso retorno. Estar nos braços do Pai é experimentar o Seu amor incondicional, que, porque sem reservas, torna possível a reconciliação com a nossa história. De facto, o Pai acolhe o filho com a sua história, mesmo que nesta existam as sombras. No seu amor todas as trevas ficam iluminadas com um brilho tal, que espanta toda a sombra do medo e da angústia. Isto é o Amor de Deus, é o esperar ainda longe como nos mostra a parábola é o não perguntar nada e abraçar, é o recomeçar não do nosso pecado mas da Misericórdia de Deus. Para vivermos a experiência de filhos de Deus precisamos de nos converter, de mudar, de cairmos em nós e voltarmos para Deus, correndo o risco como nos explica o Cardeal Patriarca Emérito de vivermos a festa e o drama

“A conversão é a experiência cristã, onde a festa e o drama: se encontram mais profundamente. A parábola do Filho Pródigo (cf. Lc. 15,11-32) mostra-o bem. O filho pródigo começa na festa da vida, vivendo-a ao sabor dos apetites, passa pelo drama da degradação e pela luta interior, que lhe dará coragem de regressar, e acaba na festa da reconciliação com o Pai. Converter-se pode ter a densidade de um drama. Há opções a tomar, dúvidas a esclarecer, obstáculos a vencer, bens efêmeros a deixar cair. É como “nascer de novo”, o que tem a ousadia da esperança e a exigência da confiança. Converter-se pode significar rasgar o coração, para que nasça um coração novo. Mas a alegria que brota dessa mudança, dessa coragem de “nascer de novo” é das mais jubilosas e libertadoras que pode sentir o coração humano. Em cada conversão revive-se a Páscoa de Cristo, no drama da Paixão e na alegria da Ressurreição. A alegria cristã é profunda, e purificada na dor. Acreditar em Jesus Cristo e segui-l'O, significa sempre aceitar que Ele nos mude a vida. Nesta Páscoa, não voltemos a cara à exigência da conversão, para partilharmos a alegria da Festa da Vida.” D. José Policarpo

O Papa Francisco tem procurado por diversas vezes dizer-nos que o perdão e a misericórdia de Deus não têm limites: “Ele nunca se cansa de perdoar, mas nós às vezes cansamo-nos de pedir perdão. Não nos cansemos jamais, nunca nos cansemos! Ele é o Pai amoroso que sempre perdoa, cujo coração é cheio de misericórdia por todos nós. E, por nossa vez, aprendamos também a ser misericordiosos para com todos. Invoquemos a intercessão de Nossa Senhora que teve nos seus braços a Misericórdia de Deus feita homem. Papa Francisco, Primeiro Angelus, 17 de Março 2013

Neste tempo de graça que nos é dado procuremos o perdão de Deus e dos nossos irmãos, precisamos de fazer este caminho de conversão, de descoberta deste Deus que vem ao nosso encontro, não podemos ter medo de pedir perdão e de perdoar. A parábola que Jesus nos convida a viver hoje quer mostrar-nos mais quem é Deus do que as nossas falhas e pecados, sejamos nós o filho pródigo ou o filho mais velho.

PONTOS DE DISCUSSÃO

1. O que estamos dispostos a “deixar”, reflectir em equipa acerca das coisas que de facto são importantes, fundamentais e aquilo que é acessório.
2. Como temos vivido este tempo da Quaresma? Tem sido um tempo vivido de maneira diferente?
3. “Há opções a tomar, dúvidas a esclarecer, obstáculos a vencer, bens efémeros a deixar cair.” Como fazer isto?

PONTOS DE ORAÇÃO

“Um homem tinha dois filhos”

Tenho consciência que o meu amor ao Pai se demonstra pelo amor aos meus irmãos? Como vivo este Amor na relação com os outros?

“Dá-me a parte dos bens que me corresponde”

Quantas vezes não exijo ao Pai coisas desnecessárias, apenas para satisfazer os meus caprichos? Realizo que tudo o que Ele me dá não é por mérito meu mas sim pelo Seu inesgotável amor? Como lido com a liberdade que Deus me deu? Desperdiço os dons que me confiou e afasto-me d’Ele?

Quando o filho regressa, o Pai “...correu a lançar-se-lhe ao pescoço”.

Sei que ofendo a Deus, que peço. Arrependo-me? Se sim então desejo ardentemente voltar a Ele. Apesar do medo, da insegurança, da vergonha, é essencial voltar para o Pai e acolher o Seu Perdão. Tenho-me confessado? O que me impede? Quero ou não estar com o Pai?

PROPOSTA DE PONTO DE ESFORÇO

Nesta Quaresma, procurar um tempo de qualidade com Deus, um tempo de paragem, um dia de deserto, de retiro, de encontro onde posso preparar melhor a Páscoa de Jesus.

PARA APROFUNDAR

Youcat 314;337; 524

A Quaresma

Quaresma pode até ser um nome complicado
mas a sua motivação é actual e grandiosa:
favorecer o encontro do Homem
com as raízes profundas do seu ser,
tornar-nos melhores
e lembrados do que é importante.
Os dias trazem nas suas redes
preciosos peixes vermelhos e azuis,
mas também lixo, coisas supérfluas
que só atravancam,
por isso os pescadores perdem tempo a escolher
com cuidado.
Quaresma é voltar a ganhar o espaço das escolhas
neste tempo consumista de falsas imposições.
Quaresma é dizer sim,
com maior entusiasmo ainda,
à liberdade de afirmar o essencial:
fé, justiça, reconciliação, solidariedade e alegria.
É que podemos somar muitos anos
sem nunca ter realmente vivido
e achar que fazemos grandes coisas
sem nos perguntarmos: «para que servem?»

José Tolentino Mendonça

PONTO DE ESFORÇO

PRÓXIMA REUNIÃO

ABRIL



MT 13, 31-32

«E contou-lhes outra parábola: “O Reino dos céus é como um grão de mostarda que um homem plantou em seu campo. Embora seja a menor entre todas as sementes, quando cresce, torna-se uma das maiores plantas e atinge a altura de uma árvore, de modo que as aves do céu vêm fazer os seus ninhos em seus ramos”.»

PARÁBOLA DO GRÃO DE MOSTARDA

As parábolas de Jesus são estranhas. Um absurdo! Então Jesus compara o Reino dos Céus com um grão de mostarda?! Mas o grão de mostarda é uma praga, nenhum agricultor quer isso! E como se não bastasse, ainda atrai as aves todas para esse campo, estragando as outras plantações (pois é, por isso é que os agricultores querem as aves longe dos seus campos e fazem espantalhos...). Não se percebe nada, que raio de comparação, ó Jesus!... Então o Reino dos Céus atrai essas aves?! Mas elas estragam o campo!! Que confusão...

Voltemos um bocado atrás. Para perceber as parábolas, importa atender a alguns fatores. As parábolas estão profundamente ligadas ao mistério da Pessoa de Jesus, que tantas parábolas contou. São uma forma de ensino muito eficaz, porque é muito mais fácil recordar uma história do que decorar um dogma. Estas parábolas pedem uma abordagem alegórica, não podem ser interpretadas literalmente, e pedem sempre um olhar atento ao contexto situacional em que se inserem, seja uma conversa com os fariseus ou uma refeição com publicanos ou outra. São uma forma de olhar a realidade com outros olhos, tendo efeito de uma metáfora transformadora, mudando a nossa forma de ver a realidade. Usando uma linguagem comum, pretendem mostrar-nos algo extraordinário – por exemplo esta parábola do grão de mostarda mostra-nos como é o Reino dos Céus. É espantoso como aqui Jesus anuncia o Reino dos Céus, mas sempre a partir de episódios e acontecimentos profanos, sem anjos nem Deus nem nada dessa linguagem “habitual” celeste!

Através destas parábolas, Jesus pretende mudar a maneira de pensar dos seus ouvintes. No fundo, ouvir Jesus neste caso é mesmo chocante! É que Jesus contraria radicalmente o sistema de pensamento das pessoas que O ouviam! Como é que Jesus realiza esta mudança? Muito sinteticamente, através de três passos: 1º) opera uma mudança de contexto – nesta parábola, Jesus relaciona o Reino dos Céus com um campo e um grão de mostarda; 2º) questiona a imagem normal do mundo – neste exemplo, embora nenhum agricultor realmente deseje que as aves venham para os seus campos, aqui Jesus conta como as aves se vêm aninhar; 3º) a parábola coloca em crise a imagem ordinária do mundo e faz irromper novas possibilidades – também aqui a parábola coloca em crise a imagem que os ouvintes de Jesus tinham do Reino dos Céus e obriga a repensar. Voltemos então à parábola do grão de mostarda: Jesus falava para uma multidão (Mt 13, 1-2) e anunciava o Reino dos Céus. Ora, que Reino dos Céus é que os seus ouvintes imaginavam? Basicamente, muitos esperavam um Reino dos Céus para os perfeitos, para um grupo eleito de raça judia, que estivesse purificado, que conquistasse pelos seus méritos e rituais a sua salvação. E Jesus vem inverter a lógica toda: o Reino dos Céus é assim, acolhe gratuitamente até os indesejados da sociedade – isto é, os pecadores, considerados indignos de perdão – como aquelas aves da parábola que são indesejadas pelos agricultores. E estes indesejados pecadores aninham-se na árvore crescida a partir do grão de mostarda, que se pode considerar o próprio Jesus. Ele próprio é a árvore crescida e nele todos se podem aninhar.

Ok, e que tem isto a ver com a Páscoa? Estes indesejados têm tudo a ver com a Paixão e a Páscoa porque a Paixão de Jesus é claro sinal do Maior Indesejado da história. Recordemos a passagem do Servo Sofredor, do capítulo 53 de Isaías: Cresceu diante dele como um pobre rebento enraizado numa terra árida; não tinha graça nem beleza para atrair nossos olhares, e seu aspecto não podia seduzir-nos. Era desprezado, era a escória da humanidade, homem das dores, experimentado nos sofrimentos; como aqueles, diante dos quais se cobre o rosto, era amaldiçoado e não fazíamos caso dele. Em verdade, ele tomou sobre si nossas enfermidades, e carregou os nossos sofrimentos; e nós o reputávamos como um castigado, ferido por Deus e humilhado. Mas ele foi castigado por nossos crimes, e esmagado por nossas iniquidades; o castigo que nos salva pesou sobre ele; fomos curados graças às suas chagas. (...) Foi-lhe dada sepultura ao lado de facínoras e ao morrer achava-se entre malfetores, se bem que não haja cometido injustiça alguma, e em sua boca nunca tenha havido mentira. (leiam Is 53, 2-9)

Lemos esta passagem profética impressionante de Isaías e “vemos” Jesus na Cruz. Ele foi o maior Indesejado da história. A Cruz aparentava ser o sinal do fracasso total da Sua vida. Todos os Seus milagres e toda a Sua pregação pública, seguida por grandes multidões (como os milagres da multiplicação dos pães - Jo 6) acabava agora ali, pregado numa Cruz, sozinho, desprezado por tantos e atraído pelos mais próximos discípulos. Afinal, todo aquele movimento em redor de Jesus de Nazaré seria uma farsa? Seria Jesus apenas um aldrabão, um agitador político irresponsável ou um louco? Tendo andado a anunciar o Reino dos Céus aberto a todos e a proximidade de Deus, acaba tudo assim com a Sua condenação à morte de Cruz? A verdade é que Ele uniu-se intimamente dessa forma a todos os injustamente indesejados. E depois de toda a Sua pregação pública do Reino junto dos indesejados – cegos, coxos, publicanos, pecadoras, excluídos nas margens e periferias –, na Cruz Jesus torna-Se Ele próprio Indesejado, abraçando cada um no Seu sofrimento, até aquele “bom ladrão” que Lhe disse: “Jesus, lembra-te de mim, quando tiveres entrado no teu Reino.” E Jesus responde-lhe: “Em verdade te digo: hoje estarás comigo no paraíso.” (Lc 23, 42-43) O testemunho de Jesus na Cruz é uma marca da credibilidade do Seu testemunho do Reino dos Céus: Ele sofre e morre confirmando aquilo que anuncia. Jesus, como o grão de mostarda que tem de morrer para crescer, morre verdadeiramente na Cruz. Mas se tudo tivesse ficado por aí, era a confirmação de que afinal Jesus não passava de um aldrabão com umas ideias bonitas sobre o amor...

Mas Jesus ressuscitou! *“O anúncio que ouvimos constantemente de novo nestes dias é precisamente este: Jesus ressuscitou, é o Vivente e nós podemos encontrá-Lo. Como o encontraram as mulheres que, na manhã do terceiro dia, o dia depois do sábado, tinham ido ao sepulcro; como o encontraram os discípulos, surpreendidos e perturbados com o que as mulheres tinham contado; como o encontraram muitas outras testemunhas nos dias depois da sua ressurreição. E, também depois da sua Ascensão, Jesus continuou a permanecer presente entre os seus amigos como tinha prometido: “E Eu estarei sempre convosco, até ao fim do mundo” (Mt 28, 20). O Senhor está connosco, com a sua Igreja, até ao fim dos tempos.”* (Audiência de 26 de Março de 2008, Papa Bento XVI)

E se Jesus ressuscitou, então Ele é mesmo o Filho de Deus e é Verdade o que Ele antes anunciou! E com a Sua Ressurreição ao terceiro dia vence a Morte e cresce como aquela árvore para acolher todos os indesejados pecadores (as aves da parábola) nos seus ramos. E esta é a novidade que distingue Jesus de todos os outros profetas e falsos messias: é pela Sua ressurreição que Jesus Se torna definitivamente credível, aos olhos dos apóstolos, discípulos e todos os cristãos. Daí que S. Paulo diga: Se Cristo não ressuscitou é vã a nossa pregação e vã a nossa fé (1 Cor 15, 14).

Que tem isto a ver conosco? É que nós também somos essas aves da parábola, esses “indesejados”, segundo a lógica daquele tempo, porque somos pecadores. Isto é, a verdade é que nós não merecemos o Reino dos Céus, não merecemos Deus. E reconhecendo-nos pecadores, percebemos que a salvação que Jesus nos garante com a Sua Vida, Paixão, Morte e Ressurreição é Dom gratuito dEle, iniciativa dEle, não conquista nossa. E assim rendemo-nos e descobrimos a Misericórdia de Deus: descobrimos que o próprio Filho de Deus, enviado pelo Pai, por nosso amor Se fez Homem e, injustamente condenado e Indesejado, morreu por mim, pelos meus pecados, na Cruz, para me salvar, para me acolher no Seu Reino. Tu e eu, que valem o Sangue de Jesus, somos convidados a acolher o Reino de Deus. E isto é a fonte da nossa alegria. É a fonte do nosso desejo de conversão. É a fonte do nosso desejo de corresponder ao Amor de Deus e amarmos como Ele toda a gente. É a fonte do nosso desejo de a todos anunciarmos que Ele ressuscitou e que a certeza do Reino de Deus dá sentido à nossa vida!

Terminamos citando o Papa Paulo VI, que no encerramento do Ano da Fé em 1968, professava a fé no Reino de Deus ou Reino dos Céus: *“Confessamos igualmente que o Reino de Deus, começado aqui na terra na Igreja de Cristo, “não é deste mundo” (cf. Jo 18,36), “cuja figura passa” (cf. 1Cor 7,31), e também que o seu crescimento próprio não pode ser confundido com o progresso da cultura humana ou das ciências e artes técnicas; mas consiste em conhecer, cada vez mais profundamente, as riquezas insondáveis de Cristo, em esperar sempre com maior firmeza os bens eternos, em responder mais ardentemente ao amor de Deus, enfim em difundir-se cada vez mais largamente a graça e a santidade entre os homens.”* (30 de Junho de 1968, Papa Paulo VI)

PONTOS DE DISCUSSÃO

1. Costumo contemplar a Cruz na oração? Experimento-me amado por Deus ao contemplar a Cruz de Jesus? Que sentimentos despertam em mim a Cruz de Jesus?

2. Compreendo a centralidade da Ressurreição de Jesus no anúncio do Reino dos Céus? Muitos à nossa volta dizem “Jesus era um tipo bom, anunciava o amor e o perdão e tal, mas não acredito na sua ressurreição”. Percebo que isto não faz sentido? Ou Jesus ressuscitou mesmo e é mesmo o Filho de Deus e o Reino dos Céus é para mim, ou então Ele era um louco ou um aldrabão...

3. O Papa Francisco tem-nos provocado com abraços a doentes e indesejados e acolhendo os marginalizados. E nós, vamos também ao encontro dos que estão nas periferias? Que lhes temos a dar? (recordo o discurso inaugural do Papa Francisco no Brasil: Não tenho ouro nem prata, mas trago o que de mais precioso me foi dado: Jesus Cristo! (inspirado no livro dos Actos dos Apóstolos 3, 6)

PONTOS DE ORAÇÃO

1. Contemplar a Cruz de Jesus em silêncio. Deixar-me olhar por Jesus crucificado.

2. A oração de S. Francisco de Assis (“Senhor, fazei de mim um instrumento da Vossa Paz”) é um bom critério de exame de consciência para perceber se estamos a contribuir para o Reino de Deus aqui e agora, acolhendo os indesejados com os mesmos sentimentos de Jesus: Levo o amor? Levo o perdão? Levo a união? Levo a fé? Levo a verdade? Levo a esperança? Levo a alegria? Levo a luz? A quem? Em que circunstâncias?

PROPOSTA DE PONTO DE ESFORÇO

A proposta para este tempo de Páscoa é exigente, mas este é o tempo mais importante do ano e merece o nosso esforço: tentar participar em equipa nas celebrações do Tríduo Pascal: 5ª Feira Santa (Missa da Ceia do Senhor), Sexta Feira da Paixão do Senhor e Vigília Pascal. (É bem possível que estejas de férias noutra sítio. Nesse caso, tenta ir à mesma!)

PARA APROFUNDAR

No site www.vatican.va, vale a pena ler a audiência do Papa Bento XVI de 26 de Março de 2008 e outras sobre a Páscoa.

Catecismo da Igreja Católica, 631-658 – sobre a Ressurreição de Jesus.

Catecismo, 541-560 – sobre o Reino de Deus.

“Sim, Cremos” de Isidro Pereira Lamelas – O Credo comentado pelos Padres da Igreja. Universidade Católica Editora. 2013.

Oração da Sabedoria de São Tomás de Aquino

Concede-me, Deus misericordioso,
que deseje com ardor o que Tu aprovas,
que o procure com prudência, que o reconheça em verdade,
que o cumpra na perfeição, para louvor e glória do Teu nome.

Põe ordem na minha vida, ó meu Deus,
e permite-me que conheça o que Tu queres que eu faça,
e que o cumpra como é necessário e útil para a minha alma.
Que eu chegue a Ti, Senhor, por um caminho seguro e recto;
caminho que não se desvie nem na prosperidade nem na adversidade,
de tal forma que Te dê graças nas horas prósperas e nas adversas conserve a paciência,
não me deixando exaltar pelas primeiras nem abater pelas segundas.

Que nada me alegre ou entristeça,
excepto o que me conduza a Ti ou de Ti me separe.
Que eu não deseje agradar nem receie desagradar senão a Ti.
Tudo o que passa se torne desprezível a meus olhos por Tua causa, Senhor,
e tudo o que Te diz respeito me seja caro, mas Tu, meu Deus, mais do que o resto.
Que eu nada deseje fora de Ti.

Concede-me, Senhor meu Deus,
uma inteligência que Te conheça,
uma vontade que Te busque,
uma sabedoria que Te encontre, uma vida que Te agrade,
uma perseverança que Te espere com confiança e uma confiança que te possua enfim.

Concede-me ser atormentado com as Tuas dores pela penitência,
recorrer no caminho aos Teus benefícios pela graça,
gozar das Tuas alegrias sobretudo na pátria pela glória.
Tu que vives e reinas pelos séculos dos séculos.

PONTO DE ESFORÇO

PRÓXIMA REUNIÃO



LC 10, 29-37

«Mas ele, querendo justificar a pergunta feita, disse a Jesus: “E quem é o meu próximo?” Tomando a palavra, Jesus respondeu: «Certo homem descia de Jerusalém para Jericó e caiu nas mãos dos salteadores que, depois de o despojarem e encherem de pancadas, o abandonaram, deixando-o meio morto.

Por coincidência, descia por aquele caminho um sacerdote que, ao vê-lo, passou ao largo. Do mesmo modo, também um levita passou por aquele lugar e, ao vê-lo, passou adiante.

Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou ao pé dele e, vendo-o, encheu-se de compaixão. Aproximou-se, ligou-lhe as feridas, deitando nelas azeite e vinho, colocou-o sobre a sua própria montada, levou-o para uma estalagem e cuidou dele. No dia seguinte, tirando dois denários, deu-os ao estalajadeiro, dizendo: ‘Trata bem dele e, o que gastares a mais, pagar-to-ei quando voltar.’ Qual destes três te parece ter sido o próximo daquele homem que caiu nas mãos dos salteadores?’ Respondeu: «O que usou de misericórdia para com ele.» Jesus retorquiu: “Vai e faz tu também o mesmo.”»

PARÁBOLA DO BOM SAMARITANO

A chamada parábola do Bom Samaritano é uma das mais conhecidas histórias relatadas por Jesus. De tal modo que toda a gente sabe o que significa quando se usa a expressão “ser um bom samaritano”, querendo normalmente dizer “ser uma boa pessoa”. Mas o que quereria Jesus dizer realmente com esta parábola? O que quer Jesus anunciar e propor à nossa vida? Neste tema vamos procurar analisar alguns pontos que nos parecem ser importantes e que nos podem ajudar a compreender melhor esta parábola e a podermos viver de acordo com ela.

Todos nos são próximos

Tudo começa com uma pergunta que é feita a Jesus: “Quem é o meu próximo?” (Lc 10, 29). O doutor da Lei que interroga Jesus já antes lhe tinha perguntado o que teria de fazer para ter a vida eterna, ao que Jesus referiu a Lei que dizia: “Amarás ao Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas forças e com todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo” (Cf. Lc 10, 25-28). Daqui seguiu esta parábola. Vemos que só um dos três que passaram pelo pobre que tinha sido maltratado o verdadeiramente considerou seu próximo. Só aquele samaritano que se aproximou, parou e o ajudou é que mostrou esta proximidade que se manifestou na sua compaixão pelo miserável que tinha sido espancado. Como respondeu o doutor da Lei, foi próximo “o que usou de misericórdia para com ele”.

Daqui se retira que devemos ser próximos de todos. A proximidade ou compaixão cristã não pode depender dos laços do sangue ou de amizades, não pode depender de sentimentos ou da semelhança nos ideais, religiões ou raças. Devemos ser próximos de todos, porque todos são criados por Deus, em todos vemos a Sua presença e no serviço aos outros está o nosso caminho de santidade.

Entre Jerusalém e Jericó

“Certo homem descia de Jerusalém para Jericó” (Lc 10, 30). Santo Ambrósio de Milão, na sua Exposição sobre o Evangelho de Lucas (7,73) dá uma interpretação para o caminho descendente que este homem faz entre Jerusalém e Jericó. Jerusalém era a cidade mais importante para o povo de Israel, era onde estava o grande Templo e portanto simbolizava o lugar de encontro e presença de Deus. Neste sentido, também a vida eterna, a bem-aventurança de viver para sempre junto de Deus, o Céu, é descrito no Apocalipse como “a cidade santa, a nova Jerusalém” (Ap 21,2). Por outro lado, Jericó é imagem do mundo, no seu sentido mais pejorativo. É sinal do apenas mundano, desligado de Deus, decaído. Este homem que Jesus descreve faz um caminho desde Jerusalém a Jericó. Esta descida geográfica é interpretada como a descida de Adão, como está relatado em Gn 3, 23, expulso do paraíso por causa do seu pecado. Simbolicamente representado neste trajecto, o homem está a passar da vida junto de Deus, para uma vida entregue apenas ao que é humano, material. É uma passagem da vida à morte, que conduz necessariamente ao pecado, ao mal, ao sofrimento e à dor. Assim como Adão desobedece a Deus e “desce” do paraíso, também este homem está a sair de Jerusalém para Jericó.

Nesse sentido, abandonando a Deus, o homem fica mais vulnerável e sujeito aos “salteadores”. Estes “despojam-no”, ou seja, tiram-lhe a roupa, numa leitura simbólica da perda da veste branca que recebemos no Baptismo, o vestido da graça espiritual que recebemos de Deus, e logo o espancam, deixando-o moribundo. De facto, ao afastar-se de Deus e da Sua graça e ao ver enfraquecida a sua fé, o homem vê-se mais fragilizado e sem forças para lutar contra as trevas e os ataques do mal, estando numa situação de perigo de morte.

Jesus é o Bom Samaritano

“Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou ao pé dele e, vendo-o, encheu-se de compaixão” (Lc 10, 33). Estando o homem moribundo, é socorrido pelo terceiro personagem que o encontra. Não foi nem o sacerdote nem o levita que o ajudam – estes, de quem se poderia esperar uma atitude de misericórdia – mas é um samaritano. Os samaritanos, por causa da sua origem semi-pagã, não eram bem vistos pelos judeus, que evitavam ter contactos com eles. Por isso, vemos como o samaritano é valorizado no confronto com as outras duas figuras do templo, que não mostram misericórdia pelo moribundo. Samaritano na sua origem significa “guardião”. Ora Jesus é verdadeiramente um guardião. Diz o Salmo: “O Senhor guarda os simples; eu estava sem forças e Ele salvou-me” (Sl 114,6). É Deus quem nos guarda, quem cuida de nós, nos dá o alimento que é o Corpo e o Sangue de Jesus que nos sacia a fome e a sede para sempre. Também nesta passagem o Samaritano pára diante daquele que está semi-morto e enfraquecido, e, enchendo-se de compaixão, cuida dele e guarda-o dos perigos.

Na estalagem

Continuando a leitura simbólica desta parábola, alguns autores antigos como Orígenes ou Santo Agostinho descrevem o tratamento das feridas e a estalagem onde o homem é acolhido como a acção redentora de Cristo e da Igreja. Ferido pela desobediência, o homem é levado na montada do samaritano: é o próprio corpo do Senhor, uma referência à encarnação do Verbo. O samaritano trata as suas feridas. Esta imagem remete-nos para o poder de curar que só Deus tem. Deus suaviza e sara as nossas feridas mais profundas, que são a marca do pecado em nós. O samaritano liga as feridas, deitando sobre elas azeite e vinho: são os sacramentos da Igreja que, derramados sobre nós, nos fazem receber as graças de Deus. Deus é como este médico que tem o remédio para o mal, assim como Jesus é o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. O homem é levado para a estalagem, que simboliza a Igreja. De facto, na Igreja o Senhor continua a cuidar de nós através do “estalajadeiro”, ou seja, dos seus ministros que têm o poder de cuidar, tratar, sara: é o poder de perdoar e de administrar os sacramentos que Cristo entregou à Sua Igreja. É este o serviço da Igreja para o mundo. A Igreja é o albergue aberto a todos aqueles que estão feridos e precisam da cura divina.

No dia seguinte, o samaritano confia ao estalajadeiro o homem ferido, dá-lhe duas moedas e promete voltar e recompensar todos os custos a mais. A promessa do regresso é uma alusão à segunda vinda de Jesus, aquela vinda que esperamos quando rezamos no Credo: “De novo há-de vir em Sua glória, para julgar os vivos e os mortos, e o seu Reino não terá fim”. Mas enquanto não regressa, paga duas moedas, que são lidas como o Antigo e o Novo Testamento. De facto, na Sagrada Escritura Deus fala connosco: assim como o estalajadeiro pode curar pagando com as duas moedas,

também a pregação do Evangelho que nos permite conhecer Jesus é baseada na Sagrada Escritura. Por fim, a promessa da recompensa: “Trata bem dele e, o que gastares a mais, pagar-to-ei quando voltar”. De verdade, o Senhor recompensa a cem por um a nossa generosidade. Ele “paga” com as suas graças a nossa estadia na estalagem que é a Igreja, cuida de nós através dela e voltará glorioso para nos salvar.

“Vai e faz tu também o mesmo”

Jesus termina a parábola com este mandamento do envio. Depois de responder ao doutor da Lei, implica-o na sua própria vida à misericórdia, à atenção e compaixão pelos seus próximos. E isto Deus também faz com cada um de nós. Se somos de Cristo, imitamos os seus gestos. Se somos de Cristo, amamos como Ele amou, dando a sua vida. Ao sermos de Cristo vivemos atentos àqueles com quem nos cruzamos, procurando curar as suas feridas, mudando a nossa vida quando for preciso, porque a salvação dos outros é a nossa prioridade.

PONTOS DE DISCUSSÃO

1. Quem é o meu próximo? Costumo pôr-me esta pergunta? Na minha vida estou atento aos outros ou só me dou com aqueles com quem tenho afinidades (família, amigos que partilham dos mesmos ideais, com quem naturalmente passo mais tempo)?

2. Qual o meu percurso de vida? Jerusalém para Jericó ou ao contrário? Noto que quando me afasto de Deus estou mais vulnerável aos “ataques dos salteadores”? Como evitar isso? Como é que a graça de Deus me protege do pecado?

3. A Igreja, vejo-a como “hospital de campanha”, como lhe chamou recentemente o Papa Francisco? Aceito os sacramentos, que são os “remédios” que me dá? Acredito que a Igreja tem o poder de curar, de perdoar, de regenerar, de me fazer começar de novo?

4. Como tirar implicações para a vida concreta de cada um deste “vai e faz tu o mesmo”? Que exemplos práticos posso dar para pôr em prática este mandamento do Senhor? Em que circunstâncias posso ser “bom samaritano”?

PONTOS DE ORAÇÃO

1. É mais intuitivo pôr-me no papel do bom samaritano, mas na verdade sou também o homem moribundo que precisa da ajuda de outros, e de um Outro. Quais são as minhas maiores fragilidades? Quais as minhas feridas e como peço ajuda à Igreja e aos outros para me ajudarem a sará-las? (Não é preciso partilhar esta reflexão, mas é fundamental fazê-la com verdade na nossa oração, sem deixar zonas por aprofundar).

2. Ajo com esta gratuidade que o Senhor me pede? Ele que me “paga em avanço” porque me deu a vida e todas as graças, pede-me a entrega da minha vida, prometendo que pagará quando voltar. A fé na vida eterna e a na segunda vinda de Cristo é central para um católico. O que é que isto significa para mim e como viver esta fé e esta gratuidade? Anseio a recompensa do Céu?

3. Os judeus não se davam com os samaritanos. Deixo que preconceitos ou algum desentendimento do passado possa estragar alguma relação com amigos, em família, na escola, etc? Quando faço um julgamento de alguém, quando murmuro, estou a destruir não só a minha relação com essa pessoa, como a sua relação com terceiros. Qual o meu papel como católico no meu grupo de amigos para trazer a união e para acabar com divisões e discórdias? Avanzo corajosamente para trazer paz aos meus problemas e os dos outros, como Cristo levou sempre uma palavra de paz e de esperança, ou espero que outros os resolvam?

PROPOSTA DE PONTO DE ESFORÇO

Algun gesto de caridade concreta com alguém inesperado que cruze o meu caminho e precise de um samaritano. Alguém que esteja na rua a passar dificuldades, alguém que esteja sozinho ou doente, preso ou desanimado, que precise da minha presença como sinal de Deus.

Aperceber-me de alguém que no meu caminho tenha sido um bom samaritano quando eu precisei. Rezar por essa pessoa e agradecer-lhe explicitamente.

ORAÇÃO FINAL

Senhor, abre hoje os nossos corações,

para que eles estejam sempre disponíveis para os nossos próximos.

Que nós os reconheçamos em todos os momentos e em todas as situações.

Que nós estejamos sempre dispostos a ajudar, a servir os nossos próximos, não para aliviarmos as nossas consciências, mas por amor Senhor, por amor.

Para que seja verdade e vida em nós o Teu mandamento:

“Amarás ao Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas forças e com todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo”.

Amen.

PONTO DE ESFORÇO

PRÓXIMA REUNIÃO

NOTAS

JUNHO

Se der frutos na
próxima estação
ficará

Lc 13

6-9



LC 13, 6-9

«Certo homem tinha uma figueira plantada na sua vinha. Foi procurar os frutos que nela houvesse, mas não os encontrou. Disse então ao vinhateiro: 'Há três anos que venho procurar frutos nesta figueira e não os encontro. Deves cortá-la. Porque há-de estar ela a ocupar inutilmente a terra?'. Mas o vinhateiro respondeu-lhe: 'Senhor, deixa-a ficar ainda este ano, que eu, entretanto, vou cavar-lhe em volta e deitar-lhe adubo. Talvez venha a dar frutos. Se não der, mandá-la-ás cortar no próximo ano.'»

PARÁBOLA DA FIGUEIRA ESTÉRIL

Como vamos percebendo neste caminho com as parábolas, Jesus quer mostrar o Reino de Deus, como se constrói, quem é o construtor e o que é que cada um de nós é desafiado a fazer para que esse Reino cresça e dê Frutos.

O diálogo que se desenvolve entre o dono e o vinhateiro, manifesta, por um lado, a misericórdia de Deus, que é paciente e deixa ao homem, a todos nós, um tempo para a conversão; e, por outro, a necessidade de iniciar imediatamente a mudança interior e exterior da vida para não perder as ocasiões que a misericórdia de Deus nos oferece para superar a nossa preguiça espiritual e corresponder ao amor de Deus com o nosso amor filial. Papa Bento XVI
Com a Parábola da Figueira (exclusiva de São Lucas) o Senhor pretende ensinar que é urgente que nos convertamos: Deus é paciente na Sua Misericórdia, mas não podemos adiar o arrependimento para uma hora que pode já ser tardia. É urgente que demos frutos de santidade, pondo de lado a preguiça e o egoísmo que tornam a vida inútil e estéril; Deus não deixa impune a falta de frutos que possamos dar na nossa vida, porque confia em nós e nos ama.

O proprietário da vinha tinha uma figueira em sua vinha, coisa muito comum em Israel. Depois de plantar, teve que esperar o tempo certo para dar frutos, mas a figueira não produziu. A sua decisão foi cortar aquela árvore, mas o vinhateiro pediu-lhe mais um ano para que cuidasse mais um pouco dela e aí veriam se ela daria fruto ou não.

Podemos dizer que Jesus se referia a Israel que tendo recebido de Deus tudo aquilo que precisava para produzir bons frutos, não correspondeu ao que Deus esperava. É fácil entender isso quando fazemos a relação entre Lucas e Isaías 5,5 -6.

O pensamento da passagem é que à figueira foi dado tempo suficiente para produzir fruto, se é que viria a frutificar. Se nenhum Fruto aparecera em três anos, era razoável concluir que nada apareceria. Por causa de sua esteridade, Deus ordena que se corte. Estava apenas ocupando terreno. O viticultor intercedeu a favor da figueira, pedindo que fosse dado mais um ano. As duas realidades que não se excluem nesta Parábola devem ajudar-nos a construir o Reino de Deus:

A Paciência de Deus

Irmãos e irmãs, o rosto de Deus é o de um pai misericordioso, que tem sempre paciência! Já pensastes na paciência que tem para com cada um de nós? Essa é a sua misericórdia! Tem sempre paciência para connosco, compreende-nos, está à nossa espera, não se cansa de nos perdoar se soubermos voltar com o coração contrito. É grande a misericórdia do Senhor(...) Um pouco de misericórdia torna o mundo menos frio e mais justo. Precisamos de compreender

bem esta misericórdia de Deus, este Pai misericordioso, que tem tanta paciência... Recordemos o profeta Isaías que afirma que mesmo que os nossos pecados fossem de cor escarlate, o amor de Deus os converteria em brancos como a neve". Papa Francisco

A Urgência do Reino

O Evangelho diz-nos que Jesus não é um missionário isolado, não quer cumprir a sua missão sozinho, mas compromete também os seus discípulos. E vemos que, além dos doze apóstolos, chama outros setenta e dois, enviando-os depois aos povoados, dois a dois, para anunciar que o Reino de Deus está próximo. Isto é muito bonito! Jesus não deseja agir sozinho, mas veio trazer ao mundo o amor de Deus e quer propagá-lo com o estilo da comunhão, com o estilo da fraternidade. Por isso, forma imediatamente uma comunidade de discípulos, que constitui uma comunidade missionária. Prepara-se imediatamente para a missão, para partir.

Mas atenção: a finalidade não é socializar, passar o tempo juntos, não; o objectivo é anunciar o Reino de Deus, e isto é urgente! Também hoje é urgente! Não há tempo a perder com bisbilhotices, não se pode esperar o consenso de todos, mas é preciso partir e anunciar. Anuncia-se a todos a paz de Cristo, e se não a acolhem, contudo vai-se em frente. Aos doentes leva-se a cura, porque Deus quer curar o homem de todo o mal. Quantos missionários já fazem isto! Semeiam vida, saúde e alívio nas periferias do mundo. Como isto é bonito! Não vivas para ti mesmo, nem para ti mesma, mas vive para ir fazer o bem! Hoje há tantos jovens na praça. Pensai nisto, interrogando-vos: Jesus chama-me a partir, a sair de mim mesmo para fazer o bem? Papa Francisco Angelus, 7 de Julho 2013

PONTOS DE DISCUSSÃO

1. Quando olhamos para nós, quais são os frutos que Deus espera?
2. Como me situo na questão Paciência de Deus *versus* Urgência do Reino partindo das palavras do Papa Francisco?
3. Sou instrumento de Deus? Sou missionário?

PONTOS DE ORAÇÃO

Is 5, 1-7

1. "Que mais podia fazer à minha vinha que não tivesse feito?" (v.4)

Olhando para o meu dia-a-dia (casa, escola/faculdade/trabalho, etc.) onde, muito concretamente, é que eu posso "dar mais"? O que é que eu poderia ter feito/dito, que não fiz/disse?

2. "A vinha do Senhor do universo é a casa de Israel; os homens de Judá são a sua cepa predilecta." (v.7)

Que coisas boas é que eu tenho na minha vida? Tenho-Lhe agradecido a vida que tenho? Tenho noção do amor enorme que Deus tem por mim e tenho-Lhe agradecido todos os dias por isso?

PROPOSTA DE PONTO DE ESFORÇO

Todos os dias experimentamos simpatias e antipatias. Talvez até estejamos irritados(as) com alguém. No entanto, a proposta de ponto de esforço deste mês é daqui para a frente tentar ao menos rezar: “Jesus, estou irritado(a) com este(a), com aquele(a). Peço vos por ele(a)”. Rezar pela pessoa com quem estamos irritados é um ótimo passo rumo ao amor e é um acto de Evangelização!

Youcat 89; 311

PARA APROFUNDAR

ORAÇÃO FINAL

«Que eu chegue a Ti, Senhor» de S. Tomás de Aquino

Que eu chegue a Ti, Senhor,
por um caminho seguro e recto;
caminho que não se desvie
nem na prosperidade nem na adversidade,
de tal forma que eu te dê graças
nas horas prósperas e nas adversas,
consERVE a paciência,
não me deixando exaltar
pelas primeiras nem abater pelas outras.
Que nada me alegre ou entristeça,
excepto o que me conduza a Ti
ou que de Ti me separe.
Que eu não deseje agradar
nem receie desagradar senão a Ti.
Tudo o que passa torne-se desprezível a meus olhos
por tua causa, Senhor,
e tudo o que Te diz respeito me seja caro,
mas Tu, meu Deus, mais do que o resto.
Qualquer alegria sem Ti me seja fastidiosa,
e nada eu deseje fora de Ti.
Qualquer trabalho, Senhor,
feito por Ti me seja agradável
e insuportável aquele de que estiveres ausente.
Concede-me a graça
de erguer continuamente o coração a Ti
e que, quando eu caia, me arrependa.
Torna-me, Senhor meu Deus,
obediente, pobre e casto;

paciente, sem reclamação;
humilde, sem fingimento;
alegre, sem dissipação;
triste, sem abatimento;
reservado, sem rigidez;
activo, sem leviandade;
animado pelo temor, sem desânimo;
sincero, sem duplicidade;
fazendo o bem sem presunção;
corrigindo o próximo sem altivez;
edificando-o com palavras e exemplos, sem falsidade.

Dá-me, Senhor Deus,
um coração vigilante,
que nenhum pensamento curioso
arraste para longe de Ti;
um coração nobre que nenhuma afeição indigna debilite;
um coração recto que nenhuma intenção equívoca desvie;
um coração firme, que nenhuma adversidade abale;
um coração livre, que nenhuma paixão subjugue.
Concede-me, Senhor meu Deus,
uma inteligência que Te conheça,
uma vontade que Te busque,
uma sabedoria que Te encontre,
uma vida que te agrade,
uma perseverança que Te espere com confiança
e uma confiança que Te possua, enfim.
Ámen.

PONTO DE ESFORÇO

PRÓXIMA REUNIÃO

NOTAS

JULHO



BALANÇO

Tal como os anos anteriores, achamos importante que esta reunião antes das férias do verão seja dedicada ao balanço do último ano. É muito importante parar e olhar para o ano que passou, a fim de que a equipa possa evoluir nos próximos anos. À semelhança das outras reuniões, nesta também é preciso preparar bem, avaliando com verdade todos os pontos propostos. E, no fim, não nos podemos esquecer daquilo que nos traz aqui todos os meses: conhecer e amar Jesus Cristo, que se torna presente na minha vida e nos outros à minha volta. Avalio se as reuniões foram úteis vendo os frutos que dão na minha vida: se aumentaram o meu amor a Jesus e à Igreja; se eu participo mais no Movimento e dou algo em troca do que recebo. Se estimulam a dar testemunho de Jesus àqueles que estão à minha volta e me ajudam a dar uma resposta de fé às questões que me são postas na vida do dia-a-dia.

Tema

Neste Caderno é proposto aprofundar o que Jesus nos diz pelas Parábolas. Foi muito difícil ‘entrar’ em cada tema e achei que aquilo não tinha nada a ver comigo? Ou, pelo contrário, aprendi e procurei saber ainda mais sobre aquilo que me estava a ser proposto, dedicando por isso mais estudo e tempo aos temas? Consigo identificar o desafio que cada uma das Parábolas traz à minha vida?

Oração

Em cada tema havia sempre pontos de oração para o mês. Ajudou-me a aprofundar a minha relação com Jesus? Rezámos sempre nas reuniões? Rezei pela Equipa durante o ano? Aproveitei a Bíblia para fazer orações? Pedimos a intercessão de Nossa Senhora nas orações?

Partilha

Preparo a minha partilha? Limito-me a relatar o mês ou vou ao fundo da questão que me traz ali? Como é que a encaro? Como uma parte importante para toda a Equipa ou apenas como a parte de saber as curiosidades de cada um? Levei a minha partilha a sério, ou ainda me custa partilhar com os outros, porque não me sinto à vontade? Todos partilharam e ouviram os outros com interesse ou deixámos sempre a partilha para o fim e eram mais os que estavam a dormir do que os acordados?

Ponto de Esforço

Esforcei-me por definir pontos de esforço exigentes mas possíveis? Empenhei-me para os cumprir, ou esqueci-me? Partilhei sempre se cumpri ou não? O ponto de esforço serviu-me para aplicar os conhecimentos que ganhei ao debater algum dos temas, fazendo-me crescer como cristão, no amor a Deus e aos outros?

Movimento

Neste ano fiz por me lembrar que as Equipas de Jovens de Nossa Senhora são mais que a minha Equipa? Fiz por participar nas actividades nacionais, internacionais e do meu sector? Desafiei a minha Equipa a participar? Tenho consciência de que a minha participação nas actividades é importante na medida em que o meu compromisso com o movimento sugere que o meu compromisso com os outros? Ao ser um equipista estou consciente de que este é um caminho de viver a Fé em Igreja?

PROPOSTAS DE PONTO DE ESFORÇO

Aproveitar os quase dois meses de Verão em que não há reunião para fazer alguma coisa diferente em Equipa.

Rezar pelas Equipas do mundo inteiro, principalmente as da Síria e do Líbano.

Ler um livro que aprofunde alguns temas da fé ou uma carta do Papa ou o Evangelho do dia, etc.

Rezar todos os dias o Magnificat – que é a oração oficial das EJNS.

ORAÇÃO FINAL

O que te peço, Senhor, é a graça de ser.

Não te peço mapas, peço-te caminhos.

O gosto dos caminhos recomeçados,
com as suas surpresas, as suas mudanças, a sua beleza.

Não te peço coisas para segurar,

mas que as minhas mãos vazias

se entusiasmem na construção da vida.

Não te peço que pares o tempo na minha imagem predilecta,

mas que ensines os meus olhos a encarar cada tempo

como uma nova oportunidade.

Afasta de mim palavras,

que servem apenas para evocar cansaços, desânimos, distâncias.

Que eu não pense saber já tudo acerca de mim e dos outros.

Mesmo quando eu não posso ou quando não tenho,

sei que posso ser, ser simplesmente.

É isso que te peço, Senhor:

a graça de ser de novo.

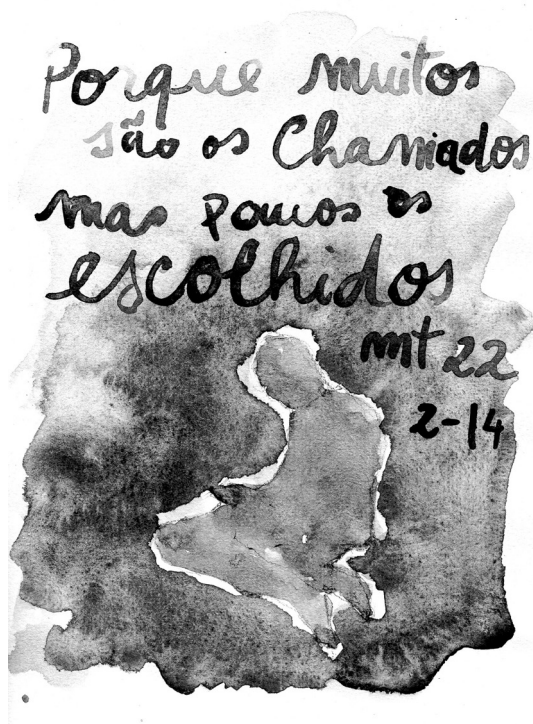
Pe. José Tolentino de Mendonça

PONTO DE ESFORÇO

PRÓXIMA REUNIÃO

NOTAS

SETEMBRO



MT 22, 2-14

«O Reino dos Céus é comparado a um rei que celebrava as bodas do seu filho. Enviou os seus servos para chamar os convidados, mas eles não quiseram vir. Enviou outros ainda dizendo-lhes: Dizei aos convidados que já está preparado o meu banquete; os bois e os animais cevados estão mortos, tudo está preparado. Vinde às bodas! Mas, sem se importarem com aquele convite, foram-se, um para o campo e outro para o seu negócio. Outros lançaram mãos dos servos, insultaram-nos e mataram-nos. O rei soube e indignou-se em extremo. Enviou as tropas, matou aqueles assassinos e incendiou-lhes a cidade. Disse depois aos servos: O festim está pronto, mas os convidados não foram dignos. Ide às encruzilhadas e convidai para as bodas todos quanto achardes. Espalharam-se eles pelos caminhos e reuniram todos quantos acharam, maus e bons, de modo que a sala do banquete ficou repleta de convidados. O rei entrou para vê-los e viu ali um homem que não trazia a veste nupcial. Perguntou-lhe: meu amigo, como entraste aqui, sem a veste nupcial? O homem não proferiu palavra alguma. Disse então o rei aos servos: Amarrai-lhe os pés e as mãos e lançai-o nas trevas exteriores. Ali haverá choro e ranger de dentes. Porque muitos são os chamados, e poucos os escolhidos.»

PARÁBOLA DO GRANDE BANQUETE

Neste mês de Setembro, somos convidados a reconhecer um convite muito especial, o convite que Jesus nos faz para participarmos na construção do Seu Reino. Depois de mais um Verão que passou, Jesus volta a lembrar-nos que somos chamado para o Seu banquete um a um e que aceitar o convite está nas nossas mãos.

Somos convidados para o Reino dos Céus

Tudo começa com este convite *“Já está preparado o meu banquete (...) vinde às bodas!”*. Este banquete que o rei prepara para os seus convidados representa as abundantes bênçãos do Reino dos Céus e o convite que todos recebemos para fazer parte dele. Com esta parábola, Jesus relembra-nos que somos todos chamados a um caminho de Santidade.

Quantas vezes fazemos de conta que não ouvimos este convite de Jesus? *“Enviou os seus servos para chamar os convidados, mas eles não quiseram vir”*. Aceitar o convite de Deus é deixar que Deus escolha a nossa vocação e o nosso caminho para a felicidade. Mas nós seguimos diariamente a nossa vontade individual e não a vontade de Deus para a nossa vida. Rejeitamos o caminho de Deus. *“Sem se importarem com aquele convite, foram-se, um para o campo e outro para o seu negócio”*. A maioria das vezes não rejeitamos o caminho de Deus propositadamente, mas deixamos que a maneira como ocupamos os nossos dias tratem disso por nós. Deixamos que as actividades a que dedicamos o nosso tempo dominem a nossa vida e nos roubem o tempo que precisamos para aceitar as propostas e os convites de Jesus. E o mais dramático é que estas actividades que nos roubam tempo de Santidade são coisas boas, como o campo, ou o negócio. *“Fala Senhor, o teu servo escuta”* (1 Sm 3, 10) diz o jovem Samuel quando o Senhor chama por ele. Esta é a atitude que somos convidados a ter, uma atitude de escuta permanente, como quem está de vigia e espera atentamente o convite de Deus.

Somos chamados a ser servos e puros de coração

Também nós somos chamados a ser servos e a anunciar o Reino dos Céus a todos os povos. Jesus impele-nos a fazer o mesmo que fizeram os servos do rei: *“Disse depois aos servos (...) Ide às encruzilhadas e convidai para as bodas todos quanto achardes”*. Somos chamados para o banquete da felicidade eterna e somos convidados a trazer outros connosco! Esta é a nossa missão, ser uma seta para o caminho da Salvação, para todos os que acharmos. Não importa quem, Jesus quer-nos a todos! E onde é que encontramos estas pessoas? Nas encruzilhadas. Não é ficando em casa, ou na nossa zona de conforto que temos de ir resgatar almas para Jesus. É fazendo-nos pequenos e humildes e indo aos confins do mundo que vamos ser o maior teste-

munho da presença de Deus nas nossas vidas. E cuidado, que os confins do mundo podem estar mesmo ao nosso lado, é só termos alguma atenção.

De uma perspectiva mais simbólica, a veste nupcial representa a nossa pureza de coração. Quando o rei pergunta *“Como entraste aqui sem a veste nupcial?”*, a mensagem que Jesus quer passar é que só os puros de coração podem entrar no Reino dos Céus. Os que não têm um coração puro, não são rejeitados, não é essa a lógica. Somos todos convidados para o Reino dos Céus, mas só os puros de coração conseguirão perceber que o Reino dos Céus é a felicidade absoluta, na comunhão com Deus. Só os puros de coração saberão escolher a Deus.

Noutras traduções, o rei em vez de dizer *“convidai para as bodas todos quanto achardes”* diz *“ide chamar os pobres (...)”*. É o mesmo. No sermão da montanha, Jesus deixa-nos uma clara resposta a esta questão: **“Bem aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos Céus”** (Mt 5, 3). Jesus passa-nos a mensagem de que só os pobres podem entrar no Reino dos Céus. Enquanto não abrirmos mão das nossas coisas (literalmente) mundanas, não seremos capazes de ter as mãos livres para abraçar o projecto de Deus.

Quase no fim desta parábola, o rei diz que quem não tiver a veste nupcial terá de experienciar *“choro e ranger de dentes”*. Não podia ser mais explícito do que isto. O que Jesus quer dizer com esta expressão é que não aceitar o convite para o Reino dos Céus é escolher uma vida de tristeza e infelicidade, uma vida de choro e ranger de dentes. Claro que não é fácil aceitar este convite, temos de procurar tornar o nosso coração mais puro diariamente, através dos Sacramentos por exemplo, e escolher sempre a porta estreita. O próprio Jesus diz-nos que o caminho da salvação exige sacrifícios. *“Entrai pela porta estreita, porque larga é a porta e espaçoso o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que seguem por ele. Como é estreita a porta e quão apertado é o caminho que conduz à vida, e como são poucos os que o encontram”* (Mt 7, 13-14).

Ser escolhido é uma questão de escolha

A parábola termina com uma frase polémica: *“Porque muitos são os chamados e poucos são os escolhidos”*. São muitos os chamados por Deus. Aliás, são todos os chamados por Deus! *“Espalharam-se eles pelos caminhos e reuniram todos quantos acharam, maus e bons”*. São poucos os escolhidos, porque para ser escolhido é preciso escolher. São poucos os escolhidos, porque são poucos os que respondem sim a este convite.

O exemplo máximo de alguém que aceitou ser escolhido por Deus através da sua pureza de coração, foi Nossa Senhora. Nossa Senhora foi chamada, mas podia não ter aceite o convite. Melhor, podia ter escolhido não aceitar o convite. No entanto, o que é que Maria respondeu? *“Faça-se em mim segundo a Vossa palavra”* (Lc 1, 38). Este foi o maior acto de entrega absoluta e é o que Deus também nos pede a nós. Que a nossa vida seja uma carta branca para que se faça a Sua vontade e não a nossa e que não tenhamos medo de aceitar sermos escolhidos por Ele.

PONTOS DE DISCUSSÃO

1. De que maneira é que esta parábola me chega ao coração? Sou mais como o convidado? Ou como o servo? No nosso dia-a-dia, chegamos a ser os dois ao mesmo tempo?
2. O que é que Jesus quer dizer quando fala do Reino dos Céus? Qual é o nosso papel na construção deste Reino?
3. O que é ir até os confins do mundo para anunciar o convite que Deus nos faz? Como podemos fazê-lo?
4. Sinto-me escolhido por Deus? Como é que podemos perceber que Deus chama por nós? Como é que Lhe respondemos?

PONTOS DE ORAÇÃO

Reino dos Céus

Quero fazer parte da construção do Reino dos Céus? Ou vejo neste convite um escape para o meu dia-a-dia, que apenas me ajuda quando me apetece? Qual é o meu papel na construção deste Reino? Cumpro o meu papel?

Somos Convidados

Também eu sou convidado a fazer parte deste Reino. “Fala Senhor, que o teu servo escuta”. É esta a minha atitude no meu dia-a-dia? E na minha oração? O nosso coração está aberto para ouvir o que Jesus nos pede? Ou por outro lado fazemos constantemente a nossa vontade e não a d’Ele?

Somos Servos

Jesus deixa a proposta a cada um de nós: “Ide às encruzilhadas e convidai para as bodas todos quanto achardes”. Somos chamados a anunciá-lo todos os dias da nossa vida. Reconheço a presença de Deus na minha vida? Sou capaz de ser testemunho dessa presença para os outros?

PROPOSTA DE PONTO DE ESFORÇO

Este mês de Setembro, as Equipas de Jovens de Nossa Senhora convidam-te a passares algum tempo diante do Santíssimo Sacramento. Acabados de vir do verão, que melhor maneira de entregar as alegrias vividas nos últimos meses e os desafios do novo ano lectivo, do que em Adoração ao Santíssimo?

As EJNS ajudam-te. Procura a noite de oração mais próxima de ti, ou fala com o padre da tua paróquia. De certo não será difícil! E não te esqueças de rezar por este novo ano Equipista que começa.

Sugerimos também que te juntes com a tua Equipa e que faças uma oração em que entregas uma carta branca assinada por ti, simbolizado a entrega absoluta do teu ano lectivo a Jesus, para que se faça a Sua vontade e não a tua.

Youcat: 20 a 24

ORAÇÃO FINAL

Deus, que fizestes o dia

Deus, que fizestes o dia,
criastes para nós a claridade do dia.
Quando vem caindo a tarde
nós Vos cantamos, Senhor.

Aproxima-se o crepúsculo,
o sol ao longe declina
e a noite que se avizinha
alarga o seu véu de sombra.

Mas vós, Senhor Deus Altíssimo,
não deixeis que os vossos servos,
fatigados do trabalho,
caiam exaustos nas trevas.

Não desça a escuridão
sobre o nosso pensamento,
por nos envolve e protege
o esplendor da Vossa graça.

Glória a Vós, Pai de bondade,
e ao Vosso Filho Unigénito
que reinais com o Espírito Santo,
pelos séculos dos séculos.

Amen.

(Adaptação de Deus, *qui claro lumine*, século XVII/XVIII)

PONTO DE ESFORÇO

PRÓXIMA REUNIÃO

NOTAS

OUTUBRO



MT 25,1-13

«O Reino do Céu será semelhante a dez virgens que, tomando as suas candeias, saíram ao encontro do noivo. Ora, cinco delas eram insensatas e cinco prudentes. As insensatas, ao tomarem as suas candeias, não levaram azeite consigo; enquanto as prudentes, com as suas candeias, levaram azeite nas almotolias. Como o noivo demorava, começaram a dormir e adormeceram. A meio da noite, ouviu-se um brado: 'Aí vem o noivo, ide ao seu encontro!' Todas aquelas virgens despertaram, então, e aprontaram as candeias. As insensatas disseram às prudentes: 'Dai-nos do vosso azeite, porque as nossas candeias estão a apagar-se.' Mas as prudentes responderam: 'Não, talvez não chegue para nós e para vós. Ide, antes, aos vendedores e comprai-o.' Mas, enquanto foram comprá-lo, chegou o noivo; as que estavam prontas entraram com ele para a sala das núpcias, e fechou-se a porta. Mais tarde, chegaram as outras virgens e disseram: 'Senhor, senhor, abre-nos a porta!' Mas ele respondeu: 'Em verdade vos digo: Não vos conheço.' Vigiai, pois, porque não sabeis o dia nem a hora.»

PARÁBOLA DAS DEZ VIRGENS

Morte

Como o noivo demorava, começaram a dormir e adormeceram (v5)

É certo e sabido que cada um de nós, uma vez que nasceu, deve morrer. Ninguém escapa. Como diz o provérbio “se de novo não foste, de velho não escapas”. Nos dias que correm as pessoas procuram distrair-se e esquecer a existência desta fidelíssima companheira, a irmã morte. Mas os esquecidos não são exceção à regra e morrem como os outros.

Já viste alguém morto (sem ser na televisão)? Não é um cenário agradável. Lembra-te que assim será também contigo. E uma vez dado o último suspiro já não voltas atrás. Aqueles que te amam choram por algum tempo, mas depois retomam o seu dia-a-dia. Com fria indiferença, a vida no mundo segue o seu rumo como se nada fosse. As pessoas continuam a amar e a odiar, a trabalhar e a ir de férias, a jogar futebol e a fazer dieta, a casarem-se e a serem baptizadas. Só tu é que não estarás cá.

Não quero ser tétrico nem tenho intenção de assustar. Mas é urgente teres consciência de que a nossa passagem nesta terra tem uma duração limitada (às vezes muito limitada), de que Deus espera uma resposta de conversão tua e que este é o momento da Misericórdia, esta é a hora da salvação, de te decidires por Deus.

Juízo particular

Vigiai pois porque não sabeis o dia nem a hora (v13)

“Em todos os teus actos, em todos os teus pensamentos, havias de te comportar como se devesses morrer hoje. Se tivesses boa consciência não terias grande receio da morte. Mais vale acautelares-te do pecado do que fugir da morte. Se hoje não estás preparado, como o estarás amanhã?”

(Imitação de Cristo)

E... o que acontece depois da morte? Diferentes culturas e religiões dão várias explicações. Ainda que respeitemos as pessoas, não aceitamos nenhuma resposta que não seja a verdadeira. Como sabemos qual é a verdadeira? Basta ouvir o que diz Jesus. Ele é Deus e nem se engana nem pode enganar. Imediatamente depois da morte comparecemos diante de Jesus. Somos julgados consoante a vida que levámos. Quem praticou o bem e obedeceu a Deus será salvo. Quem não se arrependeu em vida do mal feito e não pediu perdão a Deus será condenado. Como morreremos – na amizade de Deus ou fora dela – assim ficaremos para toda a eternidade. Depois da morte nem pecamos nem nos arrependemos, o tempo de decidir onde passaremos a

eternidade é agora. Até à morte podemos sempre mudar. Depois da morte não. Este encontro com Cristo Salvador e Juiz chama-se juízo particular.

Quem morre na graça de Deus, o que quer dizer que tem a vida de Deus dentro de si, viverá a maravilhosa comunhão com a Santíssima Trindade para sempre. A isto chamamos Céu. Quem morre fora da amizade de Deus, quer dizer em pecado mortal, ficará separado d'Ele para sempre e sem possibilidade de mudar. Isto é o inferno. Resumindo, depois do juízo particular há duas hipóteses: vida eterna (A) ou condenação eterna (B).

Céu e Purgatório

As que estavam prontas entraram com ele para a sala de núpcias, e fechou-se a porta (v10)

Começamos pela hipótese A. A vida eterna é uma comunhão de vida com Deus em Cristo e com todos aqueles que estão em Cristo. É um mistério que ultrapassa toda a representação e compreensão humanas. A felicidade profunda e inimaginável de viver a própria vida de Deus e para sempre. O Céu é a realização plena do nosso desejo infinito de felicidade e que na vida terrena nunca pode ser satisfeito. Se na Terra gozamos de coisas boas, como o gelado do Santini ou da amizade, no Céu gozamos da própria fonte da bondade. Deve alegrar-nos saber que Deus quer que vamos para o céu e para isso dá-nos todas as possibilidades de ir, se quisermos.

Sob a opção A, existe uma variante que chamarei A', como nos problemas de geometria. Trata-se do Purgatório. E o que é? Quem morre na graça de Deus está salvo. No caso, porém, de ainda precisar de purificação: porque tem pecados veniais por perdoar ou penas por descontar (consequências do pecado que por justiça é preciso satisfazer), Deus oferece esta possibilidade. Na presença de Deus não entra nada que não seja santo, completamente purificado. O Purgatório comporta um sofrimento imenso que limpa a alma das desordens para poder entrar no Céu. É temporário. Não tem nada a ver com o inferno. As pessoas no purgatório sofrem imenso porque ainda não podem estar junto de Deus mas ao mesmo tempo estão felizes porque estão salvas e já não podem perder-se.

Inferno

Em verdade vos digo: Não vos conheço (v12)

Agora falemos da alternativa B. Há pessoas que não acreditam na existência do inferno; dizem que é uma invenção da Igreja medieval para amedrontar os fiéis ignorantes e mantê-los sob o seu domínio. Não é o que diz Jesus (Mt 25,31-46).

Mas como pode um Deus que é amor e perdão deixar que alguém se condene?

Para amar a Deus é preciso querer. Com essa finalidade Deus criou-nos inteligentes e livres. Ninguém pode querer no nosso lugar. Deus ama cada um imensamente e faz tudo para nos salvar do pecado e da morte eterna, para que estejamos em unidos a Ele num amor sem fim. Por essa causa morreu na Cruz. Faz tudo excepto uma coisa: forçar a nossa liberdade. Mas precisa-

mente porque somos livres, podemos não querer Deus, isto é preferir o nosso pecado, a nossa soberba.

E não podemos amar a Deus se pecamos gravemente contra Deus, contra o próximo ou contra nós mesmos (1Jo 3,14-15). O inferno é algo de possível para qualquer um de nós. Ninguém se deve considerar tão forte ou tão bom que não possa perder-se. A Igreja anuncia a existência do inferno e a possibilidade de lá ir parar porque é verdade; porque quer transmitir um sentido de responsabilidade; porque quer que as pessoas se salvem.

Em que consiste o inferno? É a eterna separação de Deus. É este o maior sofrimento: o condenado sabe que falhou o fim da sua existência e separou-se de todo o bem; não tem qualquer alegria ou felicidade nem sequer esperança de que as coisas melhorem. É infeliz de um modo que nem sequer podemos imaginar. Os maiores horrores da humanidade seriam uma dorzinha de dentes comparados com o inferno. Os pastorinhos de Fátima, depois de uma visão do inferno (aparição de 13 de Julho), ficaram tão impressionados que não havia penitência que não oferecessem pela conversão dos pecadores. Para além da separação de Deus existem também outros sofrimentos horríveis, devidos ao pecado. O inferno é uma consequência da justiça. Deus respeita a vontade de cada homem.

As últimas das últimas coisas

Muito bem, uma pessoa morre, o corpo desfaz-se. A alma vai para o Céu, Purgatório (e a dado tempo Céu) ou inferno. Mas isto acaba assim?

Não. A História não é infinita. Teve um início e terá um fim. No final dos tempos dar-se-á a segunda vinda de Cristo ou Parusia. Nesta altura será o Juízo Final. Não é uma repetição do juízo particular (ver 2) que foi decisivo. Pode considerar-se uma manifestação pública de tudo quanto toda a gente foi e fez, de que modo receberam as graças de Deus e a elas responderam e que sorte eterna tiveram. Todos verão a justiça e sabedoria infinitas de Deus na obra da criação e redenção. Todos se ajoelharão diante de Jesus, Senhor do Universo.

Aqui dá-se a nossa ressurreição. Com a morte o corpo separa-se da alma. Com a ressurreição, que acontece pelo poder infinito de Deus, eles voltam a unir-se. Nós somos corpo e alma, foi assim que Deus nos fez. Quer dizer que vamos ter (ser!) os mesmos corpos? Sim, serão os nossos corpos mas transformados. Ainda que sóbria em pormenores, a Sagrada Escritura diz-nos algo a esse respeito. Não poderemos mais sofrer nem morrer e teremos um esplendor nunca visto. O nosso corpo será semelhante ao corpo ressuscitado de Cristo; estará perfeitamente sujeito à alma e a alma a Deus. Vai ser lindo! É em corpo e alma – isto faz a pessoa humana – que gozaremos da presença de Deus para toda a eternidade. A ressurreição da carne é consequência da ressurreição de Cristo e é uma verdade essencial da fé cristã. Se os mortos não ressuscitam, diz São Paulo, então Cristo também não ressuscitou e é vã a nossa fé – somos uns pobres e enganados miseráveis.

As almas dos condenados ressuscitarão em corpo de morte e os desgraçados continuarão no inferno a sofrer também no corpo.

“Oh meu bom Jesus, perdoai-nos e salvai-nos do fogo do inferno e levai as almas para o Céu, especialmente as mais necessitadas.”

PONTOS DE DISCUSSÃO

1. O que é que eu sabia sobre o Céu, Purgatório, Inferno, Ressurreição? E que ideias erradas tinha eu?
2. Reflectir individualmente e depois comentar em equipa: “O conhecimento das verdades eternas – verdades de Fé reveladas por Deus e não meras opiniões – ajuda-nos a relativizar os acontecimentos da vida”.
3. Que importância tem o desejo do Céu no meu dia-a-dia? Como pode influenciar/iluminar a minha vida, o meu comportamento?
4. Que importância tem a oração da Igreja e a minha oração pessoal pelas pessoas que já morreram?

PONTOS DE ORAÇÃO

1. Meditar na passagem bíblica que serve de referência a este tema (Mt 25,1-13) e também outras passagens paralelas.
2. Rezar pela nossa salvação e pela de todas as pessoas, especialmente as que nos são mais próximas ou que estão mais afastadas de Deus.
3. Pedir todos os dias a Deus que nos dê uma Fé mais forte, capaz de iluminar e transformar a nossa vida - pedir para nós e para os outros membros da equipa.
4. Rezar pelos nossos antepassados que já morreram, oferecer uma comunhão e confissão por eles.

PROPOSTA DE PONTO DE ESFORÇO

Falar pelo menos a três pessoas destas verdades de Fé tão esquecidas...

PARA APROFUNDAR

Catecismo, nº 988 a 1065

Soneto a Jesus Crucificado (anónimo, atribuído a Santa Teresa de Ávila)

Não me move, Senhor para Te amar
 O Céu que me prometeste
 Nem me move o inferno tão temido
 Para deixar por isso de Te ofender.

Tu me moves, Senhor,
 Move-me ver-Te
 Pregado numa Cruz e escarnecido
 Move-me ver teu Corpo tão ferido,
 Movem-me tuas afrontas e tua morte.

Move-me enfim o teu amor,
 E de tal maneira,
 Que ainda que não houvesse Céu eu Te amaria,
 E ainda que não houvesse inferno Te temeria.

Nada tens que me dar para que eu Te queira,
 Pois mesmo que eu não esperasse o que espero,
 O mesmo que Te quero
 Eu te quererá.

No me mueve, mi Dios, para quererte
 el cielo que me tienes prometido,
 ni me mueve el infierno tan temido
 para dejar por eso de ofenderte.

Tú me mueves, Señor, muéveme el verte
 clavado en una cruz y escarnecido,
 muéveme ver tu cuerpo tan herido,
 muévenme tus afrontas y tu muerte.

Muéveme, en fin, tu amor, y en tal manera,
 que aunque no hubiera cielo, yo te amara,
 y aunque no hubiera infierno, te temiera.

No me tienes que dar porque te quiera,
 pues aunque lo que espero no esperara,
 lo mismo que te quiero te quisiera.

(Versão original em castelhano)

PONTO DE ESFORÇO

PRÓXIMA REUNIÃO

NOVEMBRO



LC 16, 19-31

«Havia um homem rico que se vestia de púrpura e linho fino e fazia todos os dias esplêndidos banquetes. Um pobre, chamado Lázaro, jazia ao seu portão, coberto de chagas. Bem desejava ele saciar-se com o que caía da mesa do rico; mas eram os cães que vinham lambe-lhe as chagas. Ora, o pobre morreu e foi levado pelos anjos ao seio de Abraão.

Morreu também o rico e foi sepultado. Na morada dos mortos, achando-se em tormentos, ergueu os olhos e viu, de longe, Abraão e também Lázaro no seu seio. Então, ergueu a voz e disse: 'Pai Abraão, tem misericórdia de mim e envia Lázaro para molhar em água a ponta de um dedo e refrescar-me a língua, porque estou atormentado nestas chamas.' Abraão respondeu-lhe: 'Filho, lembra-te de que recebeste os teus bens em vida, enquanto Lázaro recebeu somente males. Agora, ele é consolado, enquanto tu és atormentado. Além disso, entre nós e vós há um grande abismo, de modo que, se alguém pretendesse passar daqui para junto de vós, não poderia fazê-lo, nem tão-pouco vir daí para junto de nós.'

O rico insistiu: 'Peço-te, pai Abraão, que envies Lázaro à casa do meu pai, pois tenho cinco irmãos; que os previna, a fim de que não venham também para este lugar de tormento.' Disse-lhe Abraão: 'Têm Moisés e os Profetas; que os oiçam!' Repliou-lhe ele: 'Não, pai Abraão; se algum dos mortos for ter com eles, não-de arrepende-se.' Abraão respondeu-lhe: 'Se não dão ouvidos a Moisés e aos Profetas, tão-pouco se deixarão convencer, se alguém ressuscitar dentre os mortos.'»

PARÁBOLA DO HOMEM RICO E DO MENDIGO LAZARO

Esta parábola aparece apenas no evangelho de S. Lucas e conta-nos a extrema miséria de um homem no limite da dignidade humana, em que até os cães – animais considerados impuros na tradição judaica – vinham lambe-lhe as chagas.

Para os fariseus, a situação descrita na parábola nada tinha de especial: cada um tinha a sorte que merecia! Assim, naturalmente, aos justos caberia a abundância e o bem-estar e aos pecadores, a miséria e o sofrimento. Porém o que a parábola nos ensina é que, no Reino de Deus, a lógica é completamente outra, aparentemente ao contrário, e é Lázaro, o pobre mendigo, que entra no Céu.

Levantam-se então algumas interrogações: o que é ser rico ou pobre aos olhos de Deus? Temos de ser pobres para entrar no Céu ou podem os ricos também lá entrar? Mas a pobreza não é injusta? Que implicações têm estas questões para a vida diária? Estas questões são sobretudo uma incitação à reflexão, à consciência e, em concreto, à mudança de certas atitudes na nossa vida. Na verdade, na Sagrada Escritura, a riqueza é muitas vezes apresentada como algo de bom e de recompensa. Ela está ligada ao homem bom, diligente, laborioso, aquele que produz riqueza e em quem Deus e os outros confiam. Ao longo da história do Povo de Deus, Deus promete a todos os que lhe são fiéis (Abraão, Salomão, etc) a abundância de terras e descendência, bens que perderam ao longo da vida e de geração em geração. Esta definição é o contraponto do pobre descrito como o indigente de que é necessário cuidar. Ser rico não é uma característica que, por si mesma, desagrada a Deus. José de Arimateia e Nicodemos são exemplos de homens muito ricos que eram amigos de Jesus e por Ele lembrados e amados.

Ao insistir na pobreza como opção, Jesus chama-nos a atenção, antes de mais, para que não é só a quantidade de bens que está em causa mas o estilo de vida. A parábola diz que o homem rico “se vestia de púrpura e linho fino e fazia todos os dias esplêndidos banquetes”. Vivia por isso para si, como se Deus não existisse ou como se não precisasse d’Ele. Não se diz que ele era mau, nem avarento, nem tinha obtido a riqueza por fraude, injustiça ou roubo. Não se diz que estivesse contra Deus ou contra Lázaro: apenas cego, para ver Deus ou alguém que dele precisasse. A atitude do homem rico é a de alguém que julga ter poder, dominar tudo, inclusivamente a própria vida, ser grande como Deus, não vendo nem sentindo a necessidade de Deus.

A atitude do pobre pelo contrário é um exercício diário de dependência porque está longe ser ou

de se sentir auto-suficiente. Ser pobre significa sobretudo isso mesmo: “ser dependente”, “viver dependente”. Na lógica divina, significa principalmente viver dependente daquilo que é verdadeiro e perene, aquilo que o tempo não esfuma – Deus – deixando-O interferir na nossa vida, arriscando implementar a Sua vontade para nós, integrando na nossa vida os critérios e a lógica de Jesus. Por isso é possível ser rico, aos olhos humanos, e viver-se pobre e, por isso também, só os pobres entrarão no Céu. A estes pobres, garantiu Jesus: “Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o reino dos Céus!” (Mt 5,3).

Para além disso, a atitude de soberba do homem rico leva-o também a não estar atento ao mundo em que vive – por isso não ouve os profetas – a não cuidar nem guardar aquilo que Deus criou para todos, a não ver no outro o irmão que deve amar, mas simplesmente alguém que perturba a sua vida e o seu bem-estar.

Diz o Papa Francisco que “esta cultura de bem-estar que nos leva a pensar em nós mesmos, torna-nos insensíveis aos gritos dos outros, faz-nos viver como se fôssemos bolas de sabão: estas são bonitas mas não são nada, são pura ilusão do fútil, do provisório. Esta cultura do bem-estar leva à indiferença a respeito dos outros; antes, leva à globalização da indiferença... Habitamo-nos ao sofrimento do outro, não nos diz respeito, não nos interessa, não é responsabilidade nossa!”. A resposta passa por viver a solidariedade, a sobriedade e a atenção aos outros. A pobreza é, por si mesma, injusta tanto mais que a primeira preocupação dos apóstolos foi reunir os bens de todos, partilhando-os de seguida. A partilha foi naturalmente sujeita a um discernimento e, nesse aspecto, hoje encontramos na Doutrina Social da Igreja um “conjunto de princípios de reflexão, de critérios de julgamento e directrizes de acção para humanizar a convivência em sociedade” (Compêndio da Doutrina Social da Igreja, 7). São uma clara orientação à missão dos cristãos na sociedade e economia onde devem estar com espírito de amor, de verdade e de justiça. Mas o princípio original e originante de todo o actuar sempre foi e será a dignidade da pessoa humana e com ela a busca de uma vida mais digna para todos e as suas famílias.

Ouvimos notícias e conhecemos, com frequência, muitos que procuram sair de situações difíceis, encontrar serenidade e paz, um melhor lugar para viver e trabalhar, uma melhor sociedade para as suas famílias. Mas quantas vezes muitos deles “não encontram compreensão, nem acolhimento, nem solidariedade!”. A solidariedade faz-nos olhar o mundo e os outros com responsabilidade e seriedade, leva-nos a partilhar os nossos talentos, os nossos bens, a verdade, a fé e tudo em que acreditamos, a própria vida.

O amor aos pobres, em todos os tempos, tem sido o distintivo dos cristãos. É próprio dos cristãos acolher os necessitados deste mundo com grande atenção, amor e eficácia (Youcat 449). E o efeito, na lógica de Jesus, é sempre multiplicador: é dando que se recebe. Muitas vezes não actuamos desta forma porque estamos presos às coisas materiais, à rotina da vida, aos nossos círculos de amigos e não conseguimos arriscar a ser solidários.

“Não foi a pobreza de Lázaro que o conduziu ao Céu, mas antes a humildade, nem foram as riquezas que impediram o rico de entrar no paraíso, mas o seu egoísmo e infidelidade” dizia São Gregório Magno. O Senhor deseja que nos ocupemos das coisas da Terra e as usemos correctamente, mas se ficarmos por aí não deixaremos lugar na nossa vida para o amor a Deus. “Não podeis servir a Deus e às riquezas” (Lc 16, 19-21). Os bens materiais são bons, porque são de Deus. São meios para que o homem se desenvolva em sociedade com os demais. Mas se nos apegarmos às coisas que temos, esses bens convertem-se em “ídolos que ocupam o lugar que é de Deus” (Col 3,5). Com o bom uso que fizermos dos bens materiais (sejam muitos ou poucos) que Deus pôs nas nossas mãos, ganhamos a vida eterna.

A vivência da sobriedade deve ser efectiva (com actos bem determinados) e também natural e discreta; positiva (porque todas as coisas terrenas são ridiculamente pequenas quando comparadas com o bem infinito que queremos alcançar); interna (respeita aos nossos desejos); actual (exige constante discernimento) e alegre (porque não é uma mera privação, mas uma riqueza espiritual).

A sobriedade ajudar-nos-á, muitas vezes contra a mentalidade mais comum actualmente, a largar todo o tipo de seguranças, a estarmos mais livres e disponíveis para o serviço a Deus e aos outros, a viver no dia-a-dia apenas com a única garantia dada por Jesus de que, um dia, o reino do Céu será nosso.

Por último, esta parábola aponta também para a necessidade de ultrapassar a insensibilidade de “quem se acomodou e se fechou no seu próprio bem-estar que leva à anestesia do coração”, a necessidade de estar atentos aos outros e a Deus através dos outros, ver e escutar as pessoas e as situações. Ao contrário do homem rico que ficou isolado na dureza do seu próprio coração, quem o sabe fazer, tem a certeza de que entrará no Reino dos Céus.

PONTOS DE DISCUSSÃO

1. Vemos hoje situações muito desiguais: uns desejariam trabalhar mas não encontram trabalho, outros estão tão viciados no trabalho que não tem tempo nem para Deus nem para os outros; uns quase não conseguem obter alimento para si e as suas famílias, enquanto outros há que ganham tanto que podem ter uma vida de luxo inimaginável; uns dão a sua vida ao serviço dos outros enquanto outros se isolam no seu egoísmo. Como nos podemos empenhar na transformação da sociedade de forma a que mais pessoas possam usufruir de uma vida humanamente digna?

2. Qual o nosso ideal de sucesso na vida? Tem apenas como base os bens materiais ou a lógica de Jesus?

3. O que nos prende e nos impede de ouvir a Deus e compreender quem necessita ajuda (física, psíquica, espiritual ou material) à nossa volta?

4. Como vivemos (podemos viver) a sobriedade, a partilha solidária e a moderação?

5. Serão a Pobreza e o Subdesenvolvimento um destino inevitável para milhões de pessoas?

PONTOS DE ORAÇÃO

Reflectir sobre os pontos de discussão e rezar sobre como poderia melhorar o meu estilo de vida e a minha atitude.

Escuto a Deus no meu dia-a-dia? Que espaço e tempo lhe dou?

PROPOSTA DE PONTO DE ESFORÇO

Conversar com um amigo com quem já não falamos há muito tempo.

Fazer uma obra de misericórdia diariamente.

Num mapa-mundo, apontar os locais onde há guerra, fome, desemprego ou onde os cristãos são perseguidos e rezar por essas comunidades. Uma cada semana.

Informar-me sobre como posso ajudar os mais carenciados na minha paróquia.

Fazer, em equipa, um dia de acção social.

PARA APROFUNDAR

YouCat 440-451

Catecismo da Igreja Católica nº 2401-2463

Compêndio da Doutrina Social da Igreja

Mãos

Concede-me, Senhor, umas mãos semelhantes às Tuas
que possam colaborar contigo na construção do Teu Reino.

Concede-me, Senhor, umas mãos que curem
aqueles a quem a vida deixou marcas e feridas.

Concede-me, Senhor, umas mãos que partilhem
tudo o que tenho e o que sou

Concede-me, Senhor, umas mãos que abençoam,
que alentam e confortam

Concede-me, Senhor, umas mãos que servem,
que não se recusam a lavar os pés
daqueles que os sujaram pelos caminhos duros da vida.

Concede-me, Senhor, uma mãos que acariciem
os mais pobres e pequenos.

Concede-me, Senhor, umas mãos que aproximem
os que estão longe do coração.

Concede-me sobretudo, Senhor, a graça de que as minhas mãos “toquem” as Tuas mãos para
que, reconhecendo-Te como Senhor e Deus da minha vida, possa colaborar contigo, e como Tu,
na construção do Teu Reino.

Amén

PONTO DE ESFORÇO

PRÓXIMA REUNIÃO

DEZEMBRO



MT 13, 44-46

«O Reino do Céu é semelhante a um tesouro escondido num campo, que um homem encontra. Volta a escondê-lo e, cheio de alegria, vai, vende tudo o que possui e compra o campo. O Reino do Céu é também semelhante a um negociante que busca boas pérolas. Tendo encontrado uma pérola de grande valor, vende tudo quanto possui e compra a pérola.»

PARÁBOLA DO TESOURO ESCONDIDO

Chegados ao último mês do ano, depois de aprofundar as parábolas do Reino, surge-nos a Parábola do Tesouro Escondido. Depois deste longo caminho de aproximação a Jesus, através de situações do quotidiano, podemos contemplar um encontro. Um encontro de um tesouro que buscámos até chegar aqui. Este é o ponto a que chegamos: o encontro de um tesouro que tanto buscamos na nossa vida. A pergunta que nos interpela é: mas que tesouro escondido é este que eu tanto procuro?

Esta parábola é de um grande realismo. O “homem” ao ver o tesouro não o possui imediatamente, apenas o encontra. Encontrar não é possuir. E qual a razão de ainda não sermos proprietários do nosso tesouro? Neste caso, o que faz o homem é voltar a escondê-lo no sítio onde o encontrou, ir vender tudo o que possuía e voltar para comprar o campo ou pérola. O mais imediato e lógico, seria não perder mais tempo e comprar logo a pérola. Mas Jesus vem-nos mostrar o contrário: não é por mero entusiasmo do momento, emoções espontâneas, que devemos viver a nossa Fé. A Fé deve ser vivida num contexto de relação de fidelidade que se constrói com Deus.

Mas como podemos possuir este tesouro encontrado?

Ao encontrar o tesouro, ficamos contentes mas ainda não o possuímos. O facto de o termos encontrado, lança-nos para um novo desafio: uma busca que perdura no tempo, um novo caminho de procura. No livro “Tesouro Escondido”, o Padre Tolentino Mendonça explica: “Quantas vezes a nossa vida espiritual não é precisamente isso: a busca longa, demorada, paciente e comprometida daquilo ou daquele que já encontrámos. Não seríamos buscar de Deus, se não O tivéssemos já encontrado, mas o desejo de um amor incondicional faz-nos perceber que o primeiro encontro é apenas o começo. “

E que faz o negociante depois de encontrar o tesouro? Volta a escondê-lo. Esta estranha decisão leva-nos a reflectir sobre a nossa vida espiritual e o modo como podemos chegar até Deus. O verdadeiro amor tem necessidade de amadurecer, no silêncio, no lugar escondido. São João de Ávila diz-nos que «a maior necessidade que temos para progredir é calar o apetite e a língua diante deste grande Deus, pois a linguagem que Ele mais ouve é o amor calado». Se, pelo contrário, quisermos exibir o “tesouro encontrado” cedo demais, sem sequer deixar que ele amadureça, cresça, arriscamo-nos a perdê-lo ou a deixar banalizar.

Este tesouro que encontramos – que para nós significa, como foi referido anteriormente, amor de Deus por cada um – tem necessidade de crescer na solidão. É no segredo que o Amor cresce, é na intimidade que podemos amar verdadeiramente. Na nossa relação com Deus vemos isso: só crescemos em intimidade com Ele quando nos dispomos verdadeiramente a adoptar uma atitude orante, tal como Jesus nos ensina: “Quando orardes, entra no teu quarto, fecha a porta e ora ao teu Pai em segredo”. Vivemos num Mundo em que cada um de nós tem a sua missão, e deve desempenhá-la com toda a dedicação e amor, mas é a Deus que pertencemos. Só nos sentimos realizados quando este encontro no silêncio com Deus, realmente existe na nossa vida. É este encontro que dará sentido a todas as missões que temos no dia-a-dia, às nossas relações com a nossa família e amigos.

Com esta parábola, Jesus ensina-nos também que a solidão faz parte da nossa vida espiritual. No Evangelho de São Marcos, vemos a necessidade que Jesus tem de se afastar para poder-se encontrar com o Pai: “De madrugada, ainda escuro, levantou-se e saiu; foi para um lugar solitário e ali se pôs em oração.” É nesta solidão, que nos tornamos livres para conhecer o Pai e só aí podemos “tomar posse” do tesouro (que esse conhecimento significa). É difícil na confusão do nosso dia-a-dia deixar amadurecer este tesouro com verdade. Não só pela falta de tempo de que todos sofremos – parece que há sempre coisas mais importantes – bem como pela dificuldade que temos em abrirmo-nos à graça de Deus e à Sua confiança. Vivemos, ainda que sem querer, a nossa vida com muitas máscaras que não nos deixam chegar ao essencial. Por várias razões: ou porque temos medo de sofrer, ou porque não confiamos, ou porque simplesmente fomos ensinados a ser fortes e a superar tudo. Mas em Deus não é assim: n’Ele podemos confiar verdadeiramente, a Ele podemos amar porque é Ele quem nos ama primeiro, é com Ele que podemos encontrar pois Ele já está à nossa espera. Ao entrarmos nesta vida espiritual que Jesus nos propõe – a de voltar a esconder o Tesouro e amadurecer este amor que Deus tem por mim – iremos, naturalmente, desmascaramo-nos, e assim descobrindo lentamente este tesouro e a encontrarmos o nosso coração na sua forma mais bela. Sobre isto, Santa Rafaela Maria diz-nos: “Vendo-me pequena estou no meu centro; porque isso é ver Quem é Deus e quem sou eu”. É nos momentos em que estamos mais sós, que somos mais nós próprios. É naquilo que nós somos que Deus se manifesta – com as nossas falhas, imperfeições e manias – e não naquilo que um dia seremos. Não esperemos pela perfeição! Deixemos que Deus trabalhe em nós tudo aquilo que é imperfeito.

Este caminho que a parábola nos propõe, é de esperança. Nos momentos mais difíceis da nossa vida, mais tarde ou mais cedo, apercebemo-nos que são oportunidades para nos aproximarmos de Deus, de fazermos com Ele esta estrada rumo à esperança. O Papa Emérito Bento XVI

na Encíclica Spe Salvi diz-nos: “é na esperança que fomos salvos: diz São Paulo aos Romanos e a nós também (Rm 8,24). A «redenção», a salvação, segundo a fé cristã, não é um simples dado de facto. A redenção é-nos oferecida no sentido que nos foi dada a esperança, uma esperança fidedigna, graças à qual podemos enfrentar o nosso tempo presente: o presente, ainda que custoso, pode ser vivido e aceite, se levar a uma meta e se pudermos estar seguros desta meta, se esta meta for tão grande que justifique a canseira do caminho.”

Que desejamos nós verdadeiramente?

Ao longo da nossa História de Salvação, podemos ver que o Homem sempre procurou Deus – conhecê-Lo, entender os Seus desígnios, aproximar-Se, entrar em comunhão. Foi e sempre será, um desejo enorme do Homem, estar em comunhão. Em comunhão com Deus, com os outros e essencialmente, comunhão comigo próprio. É por isto que o nosso coração anseia, sem isto, está incompleto. Para que tal aconteça, a parábola diz-nos explicitamente que o homem depois de encontrar o tesouro e voltá-lo a esconder, «cheio de alegria, vai, vende tudo o que possui e compra o campo.» Esta imagem demonstra esta necessidade de despojamento total, uma atitude de escolha, entregando-me totalmente a Ele a fim de poder estar em comunhão total com Ele.

Ainda que esta seja apenas uma imagem daquilo que pode ser o Reino dos Céus, podemos e devemos, tal como acima foi referido, iniciar hoje o nosso caminho de esperança, de conversão e de comunhão com Deus. Comunhão que será plena, um dia, quando estivermos face a face com Deus.

PONTOS DE DISCUSSÃO

1. “Onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração.» Mt 6, 21

Reflectindo sobre isto, sobre o que será o meu tesouro e onde estará o meu coração, partilho em equipa sobre que tesouro é este que procuro e o que faço para o possuir.

2. “É nos momentos em que estamos mais sós, que somos mais nós próprios.”

Como é a minha vida espiritual? Isolo-me para me encontrar com Deus? Que dificuldades tenho?

3. «Cheio de alegria, vai, vende tudo o que possui e compra o campo.»

Para podermos entrar em Comunhão com Deus precisamos, inevitavelmente, de abdicar de algumas coisas. Consigo identificar/dar nome àquilo que não me aproxima de Deus?

Mt 6, 5

A oração - «Quando orardes, não sejais como os hipócritas, que gostam de rezar de pé nas sinagogas e nos cantos das ruas, para serem vistos pelos homens. Em verdade vos digo: já receberam a sua recompensa. Tu, porém, quando orares, entra no quarto mais secreto e, fechada a porta, reza em segredo a teu Pai, pois Ele, que vê o oculto, há-de recompensar-te.

Nas vossas orações, não sejais como os gentios, que usam de vãs repetições, porque pensam que, por muito falarem, serão atendidos. Não façais como eles, porque o vosso Pai celeste sabe do que necessitais antes de vós lho pedirdes.»

Como é a minha oração? Procuo um canto, o silêncio...? Afasto-me da confusão para poder ouvir o Pai?

Mt 6, 20

“Acumulai tesouros no Céu, onde a traça e a ferrugem não corroem e onde os ladrões não arrombam nem furtam. Pois, onde estiver o teu tesouro, aí estará também o teu coração.”

Onde está o meu coração? Isto é, qual é o meu refúgio? A quem recorro quando preciso de ajuda? Em que confio a minha vida?

PROPOSTA DE PONTO DE ESFORÇO

“A obra da vida activa nasce da plenitude da vida contemplativa”, disse S. Tomás de Aquino.

Neste mês de Advento, a proposta é fazer o esforço de todas as semanas, rezar a “Jesus escondido” (como dizia o Beato Francisco, pastorinho de Fátima) – ou seja, tirar uns minutos do nosso dia para O ir visitar ao Sacrário, presente em qualquer Igreja, estejamos onde estivermos, e assim prepararmos o nosso coração para O receber na noite de Natal. Se acontecer o Santíssimo estar exposto no Altar para Adoração, e não “escondido”, ainda melhor! Isto sabendo que esta “preparação” do nosso coração é também feita no silêncio e na oração, é um “amadurecimento” que irá depois “transbordar” para os que estão à nossa volta (para a nossa família, amigos, conhecidos e desconhecidos com quem nos cruzamos).

Oração do Presépio na Cidade

Na encruzilhada dos nossos caminhos,
por vezes questionando as nossas pressas,
aqui te colocaram meu Jesus Menino,
Sustentado pela ternura de Maria e pela solicitude de José.

Sabemos que foi há dois mil anos que vieste partilhar a nossa condição,
com o propósito de mudar o nosso destino
e disseste-nos coisas tão surpreendentes como estas:
“é preciso perder a vida para a salvar...;amai os vossos inimigos...;
Bem-aventurados os pobres de coração...;
quando dois ou três estiverem em Meu nome Eu estarei no meio deles...”

Coisas que ainda não acabámos de compreender passados tantos anos,
mas coisas que continuam a interpelar-nos e nos desafiam a uma conversão de vida.

Olhando para José e Maria,
perguntamo-nos se não deveríamos fazer como eles,
ajoelhando a nossa auto suficiência ou o nosso alheamento diante de Ti,
para Te acolher no intimo do coração
e meditar a Palavra que tens para cada um de nós, que tens para mim.

Peço-Te que neste Natal,
eu saiba inventar um gesto de amor genuíno, para o celebrar,
fazendo chegar a um irmão, aquele que o Teu Espírito me sugerir,
um pouco dessa ternura que se desprende desse Presépio.

Amén

PONTO DE ESFORÇO

PRÓXIMA REUNIÃO

AGRADECIMENTOS

Muitos contribuíram na construção deste caderno! Fizeram-no por amor e serviço às ejNS, onde cada um aprendeu muito, desejando também que cada equipista possa chegar mais perto de Jesus, da Igreja e da sua missão.

Um enorme obrigado ao Padre Valter, Assistente Nacional das Equipas de Jovens de Nossa Senhora, e ao Padre Duarte Andrade e Sousa, Assistente de Lisboa, pela amizade, ajuda e entrega constante que têm demonstrado, e pela ajuda na realização dos temas;

Ao Padre Thomaz Fernandez, ex-equipista, que através da sua sabedoria e dom da palavra também ajudou na realização dos temas;

Aos seminaristas Tiago Fonseca e Miguel Vasconcelos, que, mais uma vez, com a sua simpatia e disponibilidade de sempre, aceitaram o desafio de mais uma vez ajudar na realização dos temas;

À Fátima e ao António Carioca, Casal Assistente Nacional, que nos continuam a acompanhar e continuam a ser um grande apoio e exemplo de entrega para todos nós, e que este ano também contribuíram na realização dos temas deste caderno;

À Helena Alarcão, ao Francisco Pinto Coelho, ambos pela óptima ajuda na realização de temas;

Ao Rodolfo Nona, Responsável Nacional, e à Leonor Freitas Simões, Responsável pela Partilha, pela preciosa ajuda na construção e revisão deste caderno;

À Rita Silveira Machado, autora das aquarelas espectaculares de cada um dos temas;

À Mafalda d'Oliveira Martins, pelo óptimo trabalho na realização da capa deste caderno;

À Maria Cabral da Câmara, Responsável pela Comunicação, que ajudou na revisão dos temas e divulgação *online*, antes deste caderno chegar às vossas mãos;

A Nosso Senhor, a quem nos entregamos, pois é Ele que nos faz estar nas ejNS, e a Nossa Senhora, Sua Mãe e Padroeira do nosso Movimento, que nos acompanha sempre!

Secretariado Nacional 2013/2015

